



Anais do Museu Paulista

ISSN: 0101-4714

mp@edu.usp.br

Universidade de São Paulo  
Brasil

Turazzi, Maria Inez

O 'homem de invenções' e as 'recompensas nacionais' Notas sobre H. Florence e L. J. M. Daguerre

Anais do Museu Paulista, vol. 16, núm. 2, julho-diciembre, 2008, pp. 11-46

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27312292002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O 'homem de invenções' e as 'recompensas nacionais'

Notas sobre H. Florence e L. J. M. Daguerre

**Maria Inez Turazzi<sup>1</sup>**

RESUMO: Este artigo apresenta e contextualiza uma correspondência inédita, encontrada no Centre des archives diplomatiques de Nantes (França), sobre a invenção da “polygraphia” pelo francês Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879). Florence residia no Brasil, na vila de São Carlos, atual cidade de Campinas, quando encaminhou ao Ministério do Interior da França, em 1831, um pedido de recompensa por ter inventado um processo de impressão multifuncional. Ele jamais receberia qualquer resposta do governo francês para essa petição. Mesmo assim, dedicou o resto de sua vida a outras invenções e experimentos, entre os quais a fotografia, legando à posteridade o relato dessas iniciativas e a frustração de não ter sido reconhecido em seu país de origem como o primeiro a concebê-las. Celebrado em sua época como o inventor da daguerreotipia, primeiro processo fotográfico mundialmente conhecido, Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) também foi alvo de variadas formas de desprestígio em seu país natal e só mais recentemente sua figura começa a ser reabilitada pela historiografia francesa. Florence, por sua vez, é hoje reconhecido no Brasil e no exterior como um dos múltiplos inventores de processos fotográficos, ao lado do próprio Daguerre. Observando-se as histórias de vida e os relatos biográficos sobre Florence e Daguerre, podem ser confrontadas as redes de sociabilidade, as estratégias de valorização e as formas de reconhecimento de dois “homens de invenções” do século XIX, situados em contextos culturais muito distintos e, ao mesmo tempo, interligados.

PALAVRAS-CHAVE: Inventores. Hercule Florence. Louis Jacques Mandé Daguerre. Poligrafia. Daguerreotipia. Fotografia.

ABSTRACT: This paper presents and contextualizes mail never published before found in the *Centre des Archives Diplomatiques de Nantes* (France) about the invention of the “polygraphy” by the Frenchman Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879). In 1831, Florence was living in the village of São Carlos, Brazil, nowadays a city called Campinas, when he forwarded to the Ministry of Interior of France a request for a reward for having developed a multifunctional printing process. He never received any answer from the French government.

2. As pesquisas em torno deste tema foram iniciadas há vários anos, em viagens à Europa e à América Latina, mas desde 2007 elas passaram a contar com o apoio do CNPq. Para este artigo, gostaria de agradecer a colaboração de Átala Meirelles, Claudia Costa, Elisabete Martins, Fátima Argon, Ivan Herzog, Neibe M. da Costa (Museu Imperial); Heloisa Barbuy (Museu Paulista); José Franceschi (Studio Oficina); Mônica C. Alves (Biblioteca Nacional); Pascal Ribollet (Centre des archives diplomatiques, de Nantes); Tristan Schwilden (Librairie Schwilden, de Bruxelas); Jaime Turazzi Naveiro; Márcia Trigueiro.

Nevertheless, he dedicated the rest of his life to other inventions and experiments, among them photography. He left as legacy reports on such initiatives and on his frustration for not being recognized in his home country as the first one to conceive them. Celebrated in his time as the inventor of the daguerreotype, the first photographic process known worldwide, Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) also faced criticism in his home country, and only recently started being redeemed by French historiography. Florence, for his turn, is recognized nowadays in Brazil and abroad, as one of the several inventors of photographic processes, along with Daguerre himself. The life stories and biographic accounts of Florence and Daguerre give us an opportunity to compare sociability networks, valorization strategies and ways of recognition of two of 19th century “men of inventions” which lived in very different cultural contexts but, at the same time, interconnected.

KEYWORDS: Inventors. Hercule Florence. Louis Jacques Mandé Daguerre. Polygraphy. Daguerreotype. Photography.

O *Jornal do Commercio*, a 17 de janeiro de 1840, trazia a notícia de que a primeira experiência com o daguerreótipo ocorrera no Rio de Janeiro, naquela manhã, poucos meses depois de os franceses terem revelado ao mundo, a 19 de agosto de 1839, os segredos de sua invenção, já tão comentada desde o início do ano. O capelão francês Louis Comte, viajando a bordo do *Oriental*, um navio-escola da marinha mercante francesa, como professor de desenho, canto e música, em uma expedição ao redor do mundo, foi quem realizou as primeiras demonstrações do aparelho nas imediações do Paço imperial (na atual Praça XV de Novembro, centro da cidade), repetindo-a, poucos dias depois, no Paço de São Cristóvão, diante do jovem Pedro II, futuro imperador do Brasil. Passados quase cento e setenta anos desse acontecimento de indiscutível importância para a história da difusão mundial da fotografia, ainda são pouco conhecidas as múltiplas dimensões de uma expedição singular para a compreensão das relações culturais, comerciais e diplomáticas dos países envolvidos.

A idéia de localizar, reproduzir, transcrever e estudar, em instituições do país e do exterior, a documentação sobre a viagem do *Oriental* e a chegada da daguerreotipia ao Brasil era um desejo antigo que agora, finalmente, está se concretizando em um projeto de pesquisa intitulado *Imagem e circulação de inovações*<sup>2</sup>. Esse projeto tem como principal motivação o estudo da difusão mundial da fotografia entre os anos 1839-1840 e, mais especificamente, o conhecimento das circunstâncias em que foram realizadas as primeiras imagens em daguerreotipia por aquela que é, também, a primeira expedição ao redor do mundo equipada com um aparelho do gênero. Essa informação já é, por sinal, uma das primeiras questões, acerca da viagem do *Oriental*, que a pesquisa, nos seus resultados, tratará de contextualizar.

Acessando a documentação de diversas instituições nacionais e internacionais, por correspondência, *in loco* ou através de catálogos virtuais, algumas etapas desse projeto têm sido mais do que compensadoras; chegam a ser emocionantes, não fossem as viagens de circunavegação um tema, por si só, repleto de aventuras surpreendentes. Nesse percurso, uma das tarefas mais

gratificantes foi, sem dúvida, a oportunidade de pesquisar a documentação francesa ligada ao Brasil, no período em questão, sob a guarda do Ministère des Affaires étrangères (França). Subordinado a esse ministério, encontra-se o Centre des archives diplomatiques de Nantes (CADN), criado em 1987, como o principal depósito dos arquivos repatriados de postos diplomáticos e consulares franceses no estrangeiro. Entre outros fundos documentais, o CADN abriga um amplo acervo relacionado aos cidadãos de origem francesa que residiram ou passaram pelo Brasil, assim como por outros países latino-americanos. Lá, então, tive a sorte de encontrar alguns documentos inéditos sobre Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879), pioneiro da fotografia no Brasil, assim como sobre outros personagens que deram continuidade a essa história, entre os quais, por exemplo, o fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923)<sup>3</sup>.

O tema deste artigo foi motivado, portanto, pela descoberta desses documentos e pela certeza de que as informações ali contidas apresentam grande interesse para os estudiosos da vida e da obra de Florence, assim como para uma história dos inventores e suas invenções na primeira metade do século XIX, onde se incluem a poligrafia, a fotografia e outros processos de impressão que dinamizaram a cultura visual oitocentista. Por esta razão, os documentos encontrados foram aqui reproduzidos e transcritos com a inestimável colaboração do CADN. Mas, além de divulgá-los, este artigo já se beneficia da sua existência para uma breve reflexão sobre duas trajetórias paralelas e, ao mesmo tempo, interligadas: a de Florence e a de Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851).

De antemão, devo ressaltar que as informações biográficas sobre Florence e Daguerre aqui apresentadas, sendo o primeiro, hoje, aparentemente bem mais conhecido dos brasileiros do que o segundo, foram extraídas da bibliografia indicada, visando apenas a informar o leitor menos familiarizado com essas trajetórias. Compiladas sem a preocupação de apresentar novos dados biográficos sobre esses inventores ou conceder a qualquer um dos dois um “posto mais elevado” na história da fotografia, essas informações compõem tão somente um quadro de referências para uma reflexão específica sobre as redes de sociabilidade, as estratégias de valorização e as formas de reconhecimento de dois “homens de invenções” do século XIX, com fortes ressonâncias nos dias atuais.

O “homem de invenções”

As biografias de inventores podem ser tão controvertidas quanto a paternidade de suas invenções. Como “ensaio histórico-literário”<sup>4</sup>, os relatos biográficos têm sido largamente debatidos por uma historiografia já bastante crítica, hoje, quanto à lógica interna e aos usos sociais desse tipo de narrativa. Ainda assim, as histórias de vida, particularmente no caso da história das ciências e das técnicas, continuam sendo reconhecidas como fonte imprescindível para a

3. Sobre o Ministère des Affaires étrangères, suas unidades de pesquisa e seus fundos documentais, ver <<http://www.france.diplomatique.gouv.fr/archives/>>.

4. Cf., por exemplo, Estevão Leão Bourroul (1900).

5. Para uma reflexão sobre “as vidas de nossos cientistas tropicais”, ver Silvia F. de M. Figueirôa (2001).

6. Cf. Jacques Le Goff (1984, p. 163).

compreensão das idéias científicas e dos processos sociais de construção e difusão dessas idéias. Se, antes, a suspeição sobre a legitimidade da autoria de uma dada invenção era o que de mais grave podia ocorrer para a biografia de um inventor, hoje, esse tipo de narrativa, seja ela auto-referente ou produzida por terceiros, tem sido observada levando-se em conta, cada vez mais, a tradição de exemplaridade e coerência de si que aprisionam a construção, para a posteridade ou pela posteridade, de trajetórias individuais sublinhadas em sua excepcionalidade<sup>5</sup>.

O “horizonte do futuro”<sup>6</sup> é, portanto, um dos aspectos a serem considerados quando se analisa a coerência e linearidade que edificam a construção de muitas biografias, isto é, quando se focaliza não tanto o que revelam essas trajetórias e suas narrativas, mas como o fazem. Com este cuidado, constata-se, por exemplo, que os “homens de invenções” do século XIX alimentavam o temor de um destino que lhes parecia mais trágico do que qualquer acidente de percurso. Refiro-me, aqui, ao esquecimento... A expectativa de reconhecimento – e, não raro, o ressentimento por não receberem em vida as recompensas objetivas e subjetivas que julgavam merecer – parece ter sido bem mais comum do que gostariam de fazer crer as biografias romanceadas do século XIX, uma produção editorial que floresceu e chegou aos nossos dias associando a exaltação do altruísmo à figura de indivíduos dotados de “inteligência fora do comum”.

A indiferença dos contemporâneos, suportada com tanto estoicismo no presente, quando projetada para o futuro costumava representar uma perversa maquinação das incertezas da sorte. Por isso mesmo, o ‘reconhecimento’ nunca deixou de ser uma palavra-chave no vocabulário desses inventores, sobretudo depois que a comunicação e a comercialização das invenções foram institucionalizadas pelo sistema de patentes e por variadas formas de consagração social. Cada vez mais, os indivíduos que se dedicavam a essas atividades procuravam assegurar, no presente, as satisfações materiais e simbólicas que desde logo antecipassem as homenagens que poderiam (ou não) advir na posteridade.

Retratar a ambigüidade desses sentimentos deu inspiração à letra e ao traço de muitos articulistas e caricaturistas da época. É o que se constata, não sem um sorriso nos lábios, no artigo *L’homme aux inventions*, do jornal parisiense *Le Musée pour rire*: dessin pour tous les caricaturistes de Paris, folha satírica lançada em 1839. A Monarquia de Julho (1830) devia sua existência, em grande parte, à luta pela liberdade de imprensa, mas em pouco tempo Louis Philippe já havia instituído na França uma severa censura aos jornais (Lei de 5-8-1835), transformando a charge política contrária ao regime em delito punido com a prisão. Charles Philipon (1800-1862), principal mentor do *Le Musée pour rire*, era também o criador de algumas das mais conhecidas e irreverentes folhas ilustradas por caricaturas de seu tempo (*La Caricature*, 1830; *Le Charivari*, 1832; etc.). Nos jornais que fundava, além de administrar, escrever e desenhar, Philipon reunia, em torno de si e de seus projetos, escritores e desenhistas que se

tornaram ícones da cultura francesa, como Balzac, Daumier e outros. Era dele, ainda, a famosa imagem do rei Louis-Philippe metamorfoseado como uma pêra, ousadia que acabou lhe rendendo um bom tempo na prisão<sup>7</sup>. Com a censura e a perseguição política, a alternativa que restara à imprensa satírica era refugiar-se na crítica social e na crônica dos costumes, onde ainda havia liberdade para o riso e a troça (Figura 1).

O jornal *Le Musée pour rire*, tratando com mordacidade e humor os “tipos sociais” da época, não poupava do ridículo a figura do inventor, um personagem que se tornava cada vez mais comum na sociedade industrial. Publicado, com interrupções, entre 1839 e 1843, o jornal dedicou o 44º número de seu primeiro ano ao “homem de invenções”<sup>8</sup>. Como expressão verbal dos estereótipos de uma época, algumas de suas características não deixam de ser representativas de cada um dos inventores de processos fotográficos no século XIX. O artigo, escrito pelo próprio Philipon, era ilustrado por Charles Traviès (1804-1859), um de seus mais antigos colaboradores. O “homem de invenções”

7. Ver Charle Christophe (2004, p. 37-70.) Sobre Charles Philipon, ver também a biografia ilustrada apresentada na Wikipedia francesa, disponível em <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Philipon](http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Philipon)>.

8. O volume relativo a todo o ano de 1839 do jornal *Le Musée pour rire*, consultado na Fundação Biblioteca Nacional (RJ), não contém a datação (aparentemente semanal) de cada número da publicação.

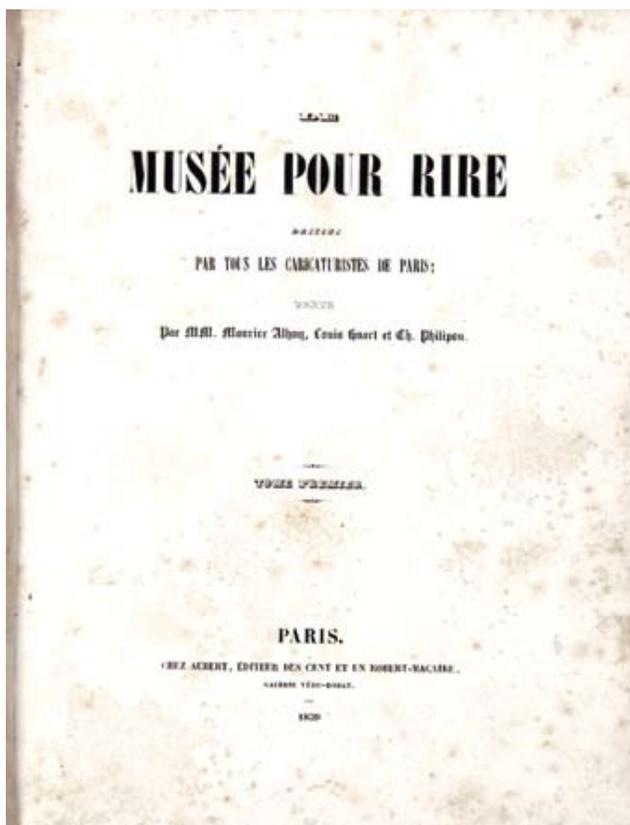


Figura 1 – Folha de rosto de *Le Musée pour rire: dessin pour tous les caricaturistes de Paris*. Paris, 1839. Impresso, 27,0 x 21,0 cm. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

9. “O homem de invenções, como se vê, não é brilhante; mas o que importa? Não tem ele seus papéis, suas notas, seus projetos? Não tem ele sua fortuna vindoura para consolá-lo do infortúnio do presente?”. Charles Philippon (1839, p. 2).

10. “Os contrafactores vivem de suas sobras e se enriquecem das raspas de suas idéias. Daguerre roubou-lhe o daguerreótipo; Cola, a máquina de gravar medalhas; Sauvage, o fisionotipo, o redutor-estatuário e os barcos à hélice [...] Todos lhe roubam! Mas os imitadores não chegaram ao fundo de sua sacola, não lhe esvaziaram todos os bolsos”. Ibidem.

11. “Todavia, ninguém se conforma em ser pirateado, e o homem de invenções não quer mais comunicar seus segredos; ele continua à procura de sócios com capitais, é verdade; mas não diz mais como pretende aplicá-los. Ele te oferece um negócio magnífico, um negócio de ouro, que em alguns meses multiplicará teus capitais; se tiveres confiança, faça-o, isto é, dê a ele os meios de fazê-lo; se não tiveres confiança, guarda teu dinheiro: só terás acesso ao segredo após a assinatura do contrato”. Ibidem.

12. As principais etapas das experiências realizadas entre Niépce e Daguerre estão descritas e ilustradas em <<http://www.niepce.com/pages/inv1.html>>.

do *Le Musée pour rire* é retratado em suas páginas como um sujeito de aparência risível, idéias mirabolantes e empreendimentos que não se concretizam jamais. Por isto mesmo, ele também é definido por Philippon como um “homem de projetos”, tipo que leva debaixo do braço e em cada bolso de seu traje desajeitado, uma infinidade de papéis (Figura 2): “L’homme aux inventions, comme vous le voyez, n’est pas brillant; mais qu’importe? N’a-t-il pas ses papiers, ses notes, ses projets? N’a-t-il pas sa fortune à venir pour le consoler de l’infortune présente?”<sup>9</sup>.

Os papéis do “homem de invenções”, como era de se imaginar, estavam sempre repletos de planos e projetos, à espera de que algum “homem de negócios” se interessasse em concretizar os canais, os túneis, as ferrovias e outras tantas idéias que lhe trariam fortuna e reconhecimento. Enquanto isso não acontecia, ele vivia angustiado pela suposição de ter sido roubado na paternidade de suas melhores descobertas:

Les contrefacteurs vivent de ses bribes et s’enrichissent des raclures des ses idées. Daguerre lui a volé le Daguerrotype; Colas, la machine à graver les médailles; Sauvage, le physionotype, le réducteur-statuaire et les bateaux à hélices [...] Tout le monde le vole! Mais les imitateurs n’ont pas vu le fond de son sac, ils n’ont pas vidé toutes ses poches<sup>10</sup>.

Depois que a invenção da daguerreotipia foi noticiada pela imprensa francesa, em janeiro de 1839, multiplicaram-se nos jornais do restante do planeta as especulações sobre a novidade e os meios para realizá-la. As charges e os comentários maldosos sugerindo que Daguerre poderia estar se beneficiando das idéias alheias, em apenas alguns. O assunto, inicialmente, corria a “boca pequena”, ou como diriam os franceses, de “bouche à oreille”, uma vez que os segredos da invenção não foram revelados publicamente até que as compensações financeiras e outras formas de reconhecimento social estivessem resolvidas entre Daguerre, seu sócio e o governo francês. No *Le Musée pour rire*, o “homem de invenções” sabia combinar muito bem a inventividade com uma certa esperteza:

Cependant, personne ne s’accommode d’être contrefait, et l’homme aux inventions ne veut plus communiquer ses secrets; il cherche toujours des bailleurs de fonds, c’est vrai; mais il n’en dit plus l’application. Il vous offre une affaire magnifique, une affaire d’or, qui centuplera vos capitaux dans quelques mois; si vous avez confiance, faites-la, c’est-à-dire donnez lui le moyen de la faire; si vous n’avez pas confiance, gardez votre argent: on ne vous mettra dans le secret qu’après la signature de contrat<sup>11</sup>.

Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), um “homem de invenções” bastante relutante com a idéia de compartilhar seus segredos, foi quem enviou a Daguerre, algumas semanas antes de assinarem um contrato de sociedade, em 1829, o texto *Notice sur l’héliographie*. O manuscrito continha todos os meios e os materiais empregados na invenção e aperfeiçoamento da heliografia, o primeiro processo de fixação das imagens obtidas pela luz solar, que logo seria experimentado também com a câmara escura<sup>12</sup>. A sociedade do inventor,

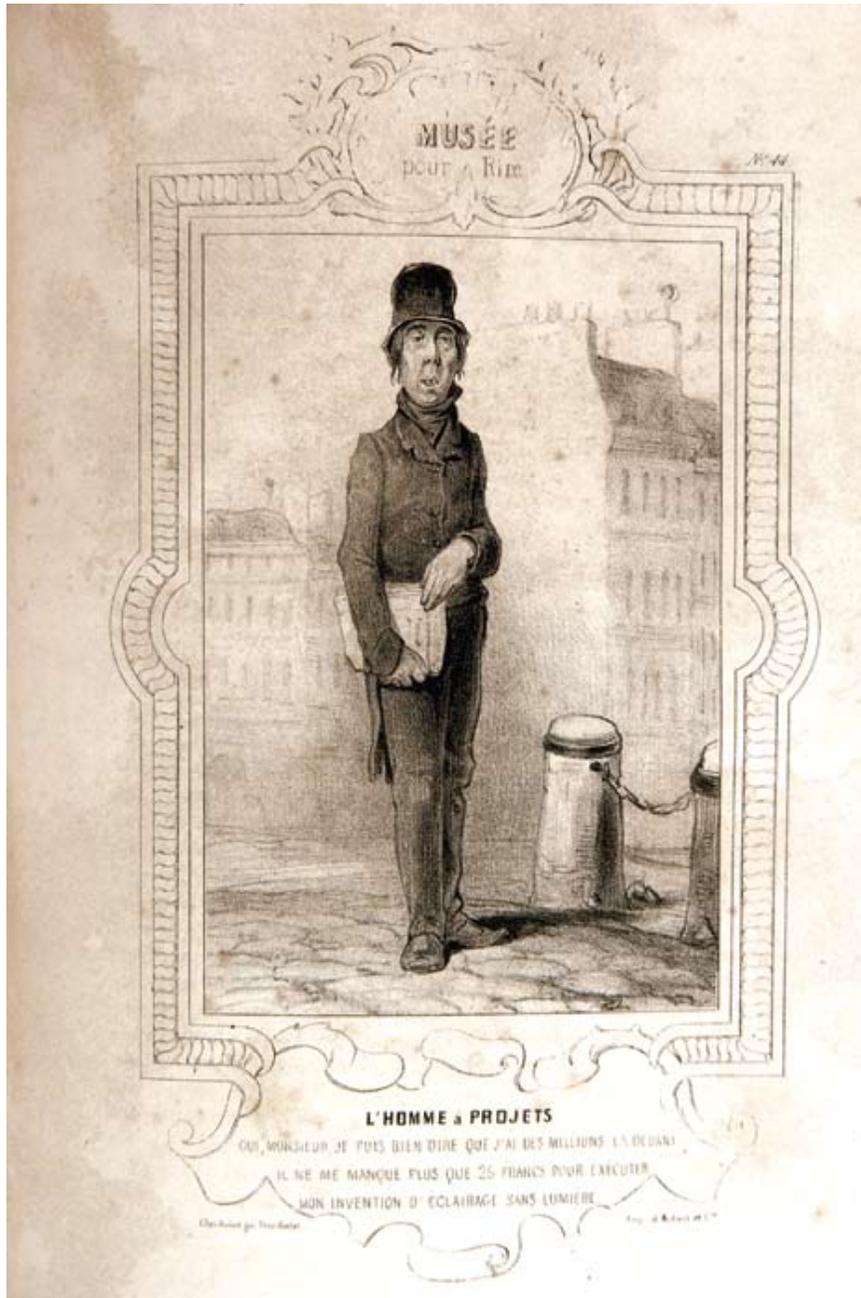


Figura 2 – « Oui, Monsieur, je puis bien dire que j'ai des millions là dedans / Il ne me manque plus que 25 francs pour exécuter / Mon invention d'éclairage sans lumière » ("Sim, Senhor, eu posso bem dizer que tenho milhões nesse projeto / Não me falta mais do que 25 francos para executar / Minha invenção de iluminação sem luz"). Charles Traviés. *L'homme à projets*. Paris, Imp. d'Aubert et Cie. In: *Le Musée pour rire: dessin pour tous les caricaturistes de Paris*. Paris, 1839. Litografia, 27,0 x 21,0 cm. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ)

13. Cf. A. Bisbee (1853, p. 9).

14. Cf. Paul Jay (1989, p. 17; 1989, p. 81-94).

15. Ver Maria Inez Turazzi (2007).

16. Ver, por exemplo, Liz Wells (1997).

17. Ver Liliane Hilaire-Pérez (2003, p. 9-38).

versado nas técnicas de gravura e reprodução, com um artista, voltado para o encantamento das imagens por efeitos luminosos, daria origem, dez anos depois, ao aparecimento da daguerreotipia. No século XIX, Daguerre fez tanto sucesso com a invenção batizada com seu nome que houve até quem lhe atribuísse a paternidade da heliografia<sup>13</sup>. Para outros autores, no entanto, o *Notice sur l'héliographie* é uma espécie de “certidão de batismo” da fotografia, pois esse documento atestaria o local de nascimento e a verdadeira filiação do invento, além de comprovar que a daguerreotipia não teria sido mais do que uma “heliografia melhorada”<sup>14</sup>.

Na medida em que a produção fotográfica é, em grande parte, resultado de uma cultura técnica, a historiografia fotográfica confundiu-se, no decorrer do século XIX, com uma história das técnicas fotográficas, descritas minuciosamente pelos praticantes do meio, desde os primeiros tempos da invenção, em compêndios, manuais e tratados sobre o tema. Espécie de crônica dos acontecimentos fotográficos, os manuais de fotografia do século XIX adotaram o modelo historiográfico de uma história das ciências e das técnicas que enfatizava a biografia dos personagens envolvidos, as grandes descobertas no campo científico, os progressos alcançados. Daí essa primitiva história da fotografia situar-se nos limites do arrolamento das invenções e inovações fotográficas, desvendando a origem e o percurso dos inventos, identificando a autoria e a data de determinadas fotografias, descrevendo a biografia e a obra de inventores e fotógrafos<sup>15</sup>.

Nas últimas décadas, novas pesquisas e abordagens renovaram o debate em torno da história da fotografia, evidenciando a necessidade de uma arqueologia dos primórdios de sua existência que leve em conta não somente os contextos culturais e tecnológicos das múltiplas invenções de processos fotográficos, como também as diferentes temporalidades e espacialidades que atravessam a historicidade desses processos. Se, antes, na historiografia dedicada ao tema, os autores enfatizavam a “descoberta” de uma técnica, uma arte, um objeto, um documento, hoje, os estudos desprendem-se da disputa pela cronologia e autoria dos processos inventivos, buscando aprofundar o conhecimento acerca das condições que tornaram a fotografia um campo multidisciplinar de pesquisas e experimentações, além de ressaltar a própria historicidade das diferentes versões para a(s) “história(s) da fotografia”<sup>16</sup>.

A historiografia das ciências e das técnicas, por sua vez, tem demarcado com maior clareza algumas diferenças importantes quando nos referimos a ‘invenções’ ou ‘descobertas’. Para Hilaire-Pérez (2003), é preciso lembrar que, desde a *Encyclopédie* (1762-1772), de Diderot e Alembert, as circunstâncias favoráveis ditadas pela sorte atrelaram o termo invenção ao campo das descobertas e da coleta de tesouros na natureza. Por outro lado, as experiências, as adaptações, as trocas, os ensaios e os esforços cotidianos do inventor, assim como os métodos de concepção técnica e as contingências da inovação ainda são pouco compreendidos na historicidade das transformações científicas e, sobretudo, tecnológicas<sup>17</sup>. Seguindo essa tradição, a historiografia

fotográfica empregou e continua empregando as palavras 'descoberta' e 'invenção' como sinônimos, embora as operações e os contextos que engendraram a existência da fotografia e a contribuição de cada um de seus autores apontem para múltiplos processos inventivos e uma complexa rede de informações, instituições e formas de legitimação social<sup>18</sup>.

#### ○ "inventor no exílio"

A invenção em terras brasileiras de um processo fotográfico, fato hoje bastante conhecido, ocorreu bem antes de 1839, quando a palavra que atualmente empregamos para nomeá-la ainda não era utilizada com esse sentido por qualquer idioma. Embora o vocábulo "photographie" ("ramo da história natural que trata da luz solar") já figurasse em alguns dicionários da língua francesa<sup>19</sup>, Florence foi o primeiro a adotá-la com o sentido moderno, isto é, para batizar a idéia que lhe surgira, em 1832, de um procedimento para "fixar as imagens da câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela acção da luz"<sup>20</sup>. Em suas anotações, Florence agradece ao farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello (1816-1877), à época seu principal interlocutor em história natural e outras matérias científicas, pela colaboração na escolha da palavra. Aliás, em todas as atividades e experimentos de Florence, as palavras e os sons sempre tiveram uma atenção particular: 'zoophonie', 'autographie', 'polygraphie', 'photographie'...<sup>21</sup>

○ inventor chegou ao Rio de Janeiro em 1824, como relatou Bourroul<sup>22</sup>, seu primeiro e mais famoso biógrafo, e aqui faleceu, em 1879, depois de passar mais de quarenta anos com a frustração de não ser reconhecido na França como aquele que teve a idéia da fotografia bem antes do anúncio de sua invenção por Daguerre. Hábil desenhista, teria "abandonado" a carreira marítima para experimentar a sorte em um país que apenas começava a deixar para trás seu passado colonial. Este, aliás, é ainda hoje um dos aspectos obscuros de sua biografia, pois pouco sabemos sobre as razões que de fato o levaram a tomar a decisão de permanecer no Brasil. Em todo caso, Florence teve a possibilidade de desembarcar no Rio de Janeiro, com autorização e, aparentemente, o incentivo do comandante da embarcação que o trouxera ao Brasil, contra-almirante Claude Charles Marie du Campe de Rosamel (1774-1848), sem ser considerado um desertor<sup>23</sup>.

No Rio de Janeiro, depois da primeira experiência em uma loja de tecidos, como caixeiro, Florence arranhou emprego no estabelecimento do francês Pierre Plancher (1764-1844), livreiro e tipógrafo que também se fixara na cidade no ano de 1824, ao fugir da perseguição política que sofria na França, como outros bonapartistas<sup>24</sup>. O *Jornal do Commercio*, lançado por Plancher, em 1827, levaria até Florence, em maio de 1839, a notícia da invenção da daguerreotipia<sup>25</sup>. Alguns meses mais tarde, as páginas do jornal também publicariam a frustração de Florence pela indiferença que julgava ter recebido por suas invenções, diante

18. Em textos anteriores, também já me utilizei, indiscriminadamente, das duas expressões, mas hoje acredito que a ressalva seja pertinente. Para uma análise sobre os "múltiplos", em ciência e em tecnologia, e sua relação com as 'descobertas' e 'invenções' de Florence, ver Rosana Hório Monteiro, (2001, p. 19-32).

19. Cf. François Raymond (1832); Napoléon Landais (1834). A referência à palavra fotografia em tais dicionários foi apontada por François Brunet (2000, p. 76).

20. Relação das atividades de Hercule Florence, anotas por ele, em 1870. Apud Boris Kossoy (2006, p. 145).

21. Ver Francisco Foot Hardman e Lorelay Kury (2004), acerca das experiências de Florence com sua memória auditiva.

22. Ver Estevão Leão Bourroul (1900)

23. Ibidem. Na época, os noviços que desembarcavam sem consentimento (e, sobretudo, aqueles que desertavam) eram alvo da severa perseguição dos cônsules franceses, a quem cabia a atribuição de repatriá-los, uma problemática que estou estudando na expedição do *Oriental*.

24. Cf. Orlando da Costa Ferreira (1977, p. 199).

25. Em 1 de maio de 1839, o *Jornal do Commercio* reproduzia matéria do jornal português *O Panorama*, que por sua vez baseava-se no jornal parisiense *Le Siècle*.

26. Sobre a vida familiar de Florence, seus dois casamentos e a fundação do Colégio Florence, em Campinas, ver Arilda I. M. Ribeiro (2007).

27. Cf. Estevão Leão Bourroul (1900, p. 460). Ver, entre outros relatos deixados por H. Florence, a Figura 4 deste artigo, com uma reprodução da última página do manuscrito *Découverte de la polygraphie*. Campinas, 1 a out 1853. Fundação Biblioteca Nacional (RJ), ARM 9.1.2 (40).

28. Cf. Hercule Florence, "La recherche et la découverte". In: *Brouillard n.1*, Manuscrito de 1833. Apud Boris Kossoy (2006, p. 159 [fac-símile]).

29. Ver AVISOS. *A Phenix* (1838) [fac-símile]; e H. Florence, *Livre d'annotations et de premiers matériaux*. Apud Boris Kossoy, (2006, p. 103 [fac-símile], p. 198 [fac-símile], p. 260-329 [transcrição e tradução]).

30. Em *Jornal do Commercio*, 10 de fevereiro de 1840. Apud Boris Kossoy (2006, p. 235).

31. Félix Émile Taunay, diretor da Academia Imperial de Belas Artes. Apud Boris Kossoy (2006, p. 232-233).

32. Por suas características intrínsecas, os quatro álbuns iconográficos dos príncipes de Joinville que se encontram no Arquivo Histórico do Museu Imperial, sob os códigos AMI 12, 13, 14 e 15, não parecem ser, contudo, os únicos que o casal colecionou. Quem sabe o "dezenho photographiado" de Florence estaria em algum outro volume? Outras imagens e escritos do inventor também estão hoje desaparecidos dos arquivos de seus descendentes, segundo relato de sua trineta. Apud Boris Kossoy (2006, p. 152).

das homenagens que eram concedidas na França e em todo mundo à figura de Daguerre. Tendo percorrido o Brasil, entre 1825 e 1829, como desenhista engajado na expedição do barão russo Georg H. F. von Langsdorff (1774-1852), Florence casou-se com uma brasileira, em 1830, fixando residência na vila de São Carlos, atual cidade de Campinas<sup>26</sup>. Foi nesse ambiente que ele iniciou suas experiências com um processo de impressão projetado para ser mais econômico e eficiente do que a gravura e a litografia. A 'polygraphia' (ou 'autographia', como ele também denominou o processo) apresentava, basicamente, as seguintes vantagens: a chapa impressora, um "simples papel poligráfico" mais econômico do que a pedra, o metal ou a madeira, podia ser tintada uma única vez para toda a tiragem e o processo permitia a impressão simultânea de várias cores<sup>27</sup>.

Enquanto cuidava da aplicação e comercialização da poligrafia, Florence concebeu um processo fotográfico propriamente dito para "multiplicar os desenhos e os escritos somente pela ação da luz solar"<sup>28</sup>. Em 1833, já produzia, por esse sistema, cópias de rótulos de farmácia e diplomas da maçonaria, enquanto ganhava a vida realizando, entre outras atividades, retratos a óleo em tamanho natural e retratos em miniatura, anunciados na imprensa local. Em 1834, empregou pela primeira vez a palavra "photographier", deixando-a registrada em seu "livro de anotações e primeiros materiais"<sup>29</sup>. Nesse mesmo ano, como declarou mais tarde ao *Jornal do Commercio*, "serviu-se da fotografia" na presença de dois cientistas que viajavam pelo Brasil, os botânicos Peter W. Lund (1801-1880) e Ludwig Riedel (1790-1861)<sup>30</sup>.

Florence também menciona, em um artigo do jornal *A Phenix*, de 26 de outubro de 1839, que apresentara sua invenção ao príncipe de Joinville (1818-1900), em viagem pelo Brasil, no ano anterior. O exemplar de um "dezenho photographiado" fora posto em seu álbum "por uma pessoa a quem devo este favor"<sup>31</sup>. Mas o paradeiro daquela imagem já era tão incerto para Florence, em 1839, quanto continua a ser para nós, nos dias que correm. Os quatro álbuns do príncipe e da princesa de Joinville, adquiridos pelo Museu Imperial (Petrópolis, RJ), em 1950, não contêm qualquer sinal desse documento<sup>32</sup>. Nesse mesmo artigo, Florence refere-se a uma "memória" sobre a poligrafia que teria enviado a Paris, em 1831, através do encarregado de negócios da França no Brasil, Edouard Pontois, mas sobre o teor dessa documentação pouco se sabia com base nas anotações posteriores do inventor. Ainda assim, elas nos dão a certeza de que Florence procurou ao máximo explorar todas as possibilidades que se apresentaram em seu caminho para melhor divulgar e legitimar a autoria de suas invenções (Figura 3).

Pelos diversos testemunhos deixados por Florence (cartas, relatos, memórias), também se constata que ele jamais obteve qualquer resposta para a correspondência que enviou ao governo francês a fim de receber uma recompensa pela invenção da poligrafia. Em uma memória que redigiu sobre o mesmo assunto, datada de 1 de agosto de 1853 e enviada ao imperador Pedro II (Figura 4), Florence reiterava a informação já dada em outros testemunhos de



Figura 3 – Rivière fils. *Vista da casa do S.<sup>hor</sup> Pontois. Embassadeur de France no Rio de Janeiro. La Sylphide.* Lith. de Pallard, Rue St. Remi, 11. Primeira metade do século XIX. Litografia, 20,0 x 15,0 cm. Acervo do Museu Imperial / IPHAN, Coleção Geyer, Rio de Janeiro (RJ).

33. Boris Kossoy (1980, p. 25) já havia assinalado a referência ao documento em uma correspondência de Florence, datada de 1862. Essa carta também é referida por William Luret (2001, p. 191), autor que pesquisou a documentação sobre o inventor em alguns arquivos franceses.

Estevão Leão Bourroul (1900, p. 478) refere-se a uma carta de Pontois para Florence, de 22 de março de 1832, mas não dá detalhes sobre o seu conteúdo. Sabe-se que o diplomata acusou o recebimento da memória sobre a poligrafia, prometendo ao inventor remeter sua petição para a França. De qualquer modo, todos os escritos deixados por Florence destacam a ausência de uma resposta do governo francês para o pedido de uma recompensa pela invenção da poligrafia (ver, por exemplo, o opúsculo de 1853, reproduzido na Figura 4). Boris Kossoy (1980, p. 25) também transcreve trecho de uma carta de Florence para Charles Auguste Taunay, de 1862, reiterando essa informação. A mesma correspondência é referida por William Luret (2001, p. 191-192).

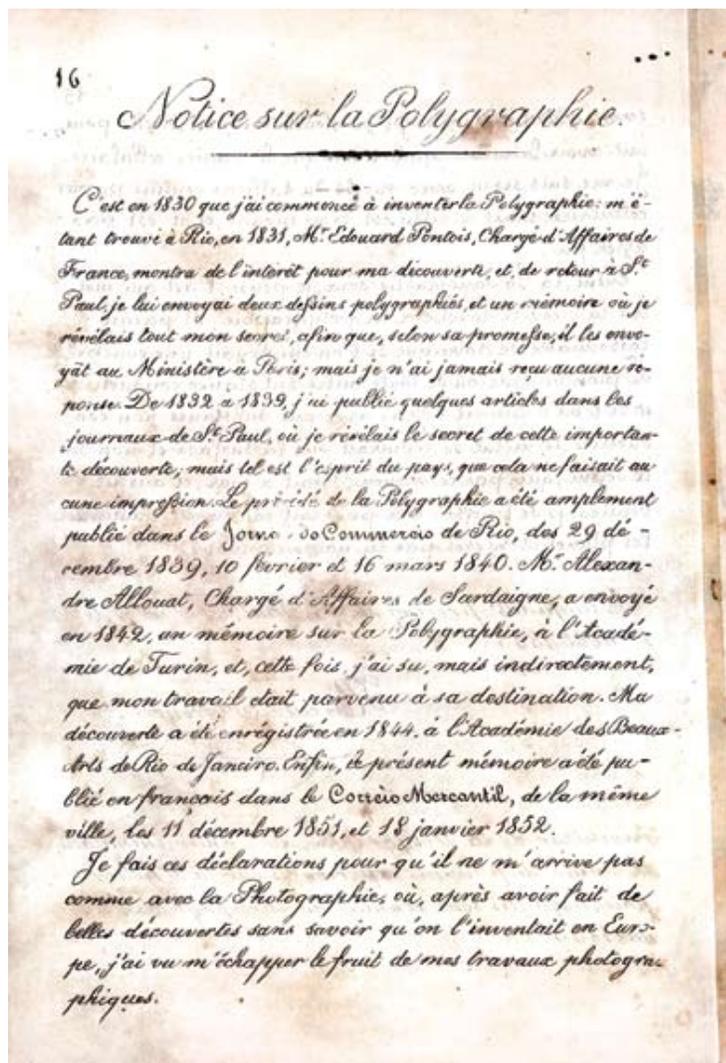


Figura 4 – Hercule Florence (1804-1879). *Découverte de la polygraphie*, p. 16. Campinas, 1 de agosto de 1853. Opúsculo manuscrito, 16 p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Coleção Theresa Christina, Rio de Janeiro (RJ).

que havia revelado todos os segredos de sua descoberta naquela correspondência, diante da promessa do encarregado de negócios da França de enviá-la ao ministério do Interior de seu país. O que não se sabia até agora era se Pontois havia cumprido ou não a promessa...<sup>33</sup>.

Militar de carreira, Pontois combatera na Rússia como oficial do exército napoleônico e, ao retornar à França, ingressou no Ministère des Affaires étrangères como secretário particular do chefe da prestigiosa divisão política. Em 1826, foi nomeado primeiro secretário da Legação francesa no Rio de Janeiro,

onde permaneceria até 1835, como encarregado de negócios e depois como ministro plenipotenciário. Em 1839, a *Revue des Deux Mondes* traçou um perfil do diplomata, relatando, em certo trecho, uma história de cunho edificante sobre sua liberalidade e prestígio junto aos franceses residentes no Brasil:

C'est au Brésil qu'il eut l'occasion de venir généreusement en aide à George Farcy, que lui avait recommandé M. de Rémusat. Ce jeune écrivain, qui devait trouver dans les journées de juillet une mort si glorieuse, ne savait comment retourner en France; plein de confiance dans le noble caractère de M. Pontois, il lui avoua sa détresse. 'Disposez de ma bourse, lui dit M. Pontois, qui n'avait pas attendu cette confiance pour lui rendre déjà quelques services; vous me rendrez cela quand vous serez riche'. Ce fait n'a été révélé que par la publication de quelques papiers de Farcy. De retour en congé en 1833, M. Pontois eut à Londres un intérim de chargé d'affaires; c'est à cette époque que le roi, qui lisait attentivement la correspondance de M. Pontois, apprit et apprécia ce qu'il pouvait valoir. Il semblait dès-lors que M. Pontois ne devait plus retourner au Brésil; mais les négociants français établis à Rio-Janeiro s'étaient si bien trouvés du zèle et de la fermeté avec laquelle il avait défendu leurs intérêts, qu'ils avaient écrit à son insu au ministre des affaires étrangères pour demander son renvoi au Brésil avec le titre de ministre. Effectivement M. Pontois revit encore une fois Rio-Janeiro. C'est de là qu'en 1835 il passa à Washington<sup>34</sup>.

A carta encaminhada por Florence através de Pontois, datada de 2 de dezembro de 1831, continha uma petição do inventor ao ministro do Interior da França, acompanhada de uma memória sobre seu novo procedimento denominado 'autographique' e quarenta exemplares de um desenho e de um escrito que ele imprimira por esse método<sup>35</sup>. Esclarecendo que podia realizar uma tiragem de até sessenta exemplares, Florence dava detalhes do procedimento e, ao invés de buscar uma patente, solicitava ao governo francês uma recompensa por dois anos de "penosas pesquisas" e "grandes despesas" para uma pessoa "sem fortuna".

Continuando seu relato, Florence afirmava que se tivesse se associado a uma "pessoa rica", poderia ter viajado a Paris e se beneficiado da proteção aos inventores já existente na França. Vale lembrar que a legislação francesa de proteção à propriedade intelectual dos chamados "autores de descobertas úteis" havia sido instituída em 1791, pelo governo revolucionário<sup>36</sup>. Mesmo assim, os direitos e privilégios de invenção ainda concediam poucas garantias de compensação financeira e reconhecimento social aos "homens de projetos". Como outros inventores da época, Florence buscava proteção e recompensa para seu procedimento, apesar do credo saint-simoniano de que todas as invenções deveriam estar a serviço da humanidade. "Privado de talentos especulativos", ele se dizia impossibilitado de manter o segredo de sua invenção e, ao mesmo tempo, "gozar da exclusividade sobre uma descoberta que, sendo útil, deve ser do domínio da sociedade". Enquanto aguardava a decisão do governo, Florence sinalizava que teria que explorar comercialmente a invenção para garantir seu próprio sustento. Mas ele sabia que esses ganhos seriam precários, pois "a simplicidade do aparelho e do trabalho que exige" logo tornariam o procedimento acessível a qualquer um, daí a importância dessa

34. "Foi no Brasil que ele teve ocasião de vir generosamente em socorro de George Farcy, que lhe fora recomendado pelo Sr. de Rémusat. Esse jovem escritor, que mais tarde encontraria nas jornadas de julho morte tão gloriosa, não sabia como retornar à França; cheio de confiança no nobre caráter do Sr. Pontois, ele lhe confessou sua aflição. 'Disponha de meus recursos, disse-lhe o Sr. Pontois, que já lhe havia prestado alguma assistência antes mesmo dessa confidência; serei restituído quando estiveres rico'. Esse fato só foi revelado após a publicação de alguns papéis de Farcy. De volta [à França] em 1833, o Sr. Pontois esteve em Londres como encarregado de negócios interino; foi nessa época que o rei [Louis Philippe], o qual lia atentamente a correspondência do Sr. Pontois, compreendeu e avaliou o quanto ele podia valer. Parecia desde já que o Sr. Pontois não deveria mais retornar ao Brasil; mas os negociantes franceses estabelecidos no Rio de Janeiro estavam tão satisfeitos do zelo e da firmeza com que ele havia defendido seus interesses, que escreveram sem seu conhecimento ao ministro de Assuntos Exteriores para solicitar seu retorno ao Brasil com o título de ministro [plenipotenciário]. Efetivamente, o Sr. Pontois voltou ainda uma vez ao Rio de Janeiro. De lá, em 1835, ele foi enviado para Washington." Cf. Victor de Mars (1839).

35. Ver Apêndice, no final deste artigo.

36. Cf. Victor Dalloz et al. (1847, p. 528).

37. Ver Apêndice, no final deste artigo.

38. O tema já foi destacado em Maria Inez Turazzi (1995, p. 96).

39. Cf. Orlando da Costa Ferreira (1977, p. 199).

40. Apud Bóris Kossoy (2006, p. 142).

recompensa<sup>37</sup>. Em poucas linhas, sua argumentação exprimia todas as angústias e as contradições que afligiram boa parte dos inventores de seu tempo.

Pontois, como se vê em seu despacho junto à correspondência de Florence, além de remeter a petição do inventor para a chancelaria do Ministère des Affaires étrangères, em Paris, sugere ao ministro da pasta, Horace François Bastien Sébastiani, conde de La Porta (1771-1851), que a encaminhasse com uma recomendação favorável para o ministério do Interior, instância encarregada da concessão de recompensas e privilégios de invenção. Considerando-se que a memória descritiva do procedimento e os papéis impressos pelo inventor não se encontram mais junto às cartas de Florence e Pontois localizadas no CADN, supõe-se que essa documentação tenha seguido seu destino. Só uma pesquisa mais aprofundada sobre a circulação e o armazenamento desses documentos poderá esclarecer se os arquivos de um desses ministérios, afetados por incêndios e pilhagens em ocasiões como a Comuna de Paris e a Segunda Guerra Mundial, ainda conservam a memória e os papéis poligrafados que certamente acompanharam a correspondência aqui reproduzida.

De qualquer forma, a carta de Florence com sua petição ao governo francês, um documento tantas vezes mencionado como evidência de seu trabalho inventivo e, simultaneamente, da indiferença com que fora tratado em seu país de origem, pareceu-me uma fonte que devia ser compartilhada com outros pesquisadores através da sua reprodução, transcrição e tradução. Como já foi dito, esses manuscritos estão relacionados a algumas questões que atravessam toda a história das múltiplas invenções da fotografia e suas formas de legitimação. Conhecendo agora o teor dessa carta, ficam ainda mais evidentes as razões do desalento de Florence com as notícias que lhe chegaram da França, em 1839<sup>38</sup>. Depois de enfrentar o desinteresse do governo de seu país por sua mais promissora invenção, considerando-se a ausência de uma resposta àquela petição, Florence recebeu com profunda decepção o anúncio da descoberta de Daguerre e a recompensa que lhe era concedida, enquanto as suas idéias e seus projetos ficavam sem resposta e sem proteção.

Reivindicando para si o reconhecimento que julgava merecer, ao menos pela invenção da poligrafia, sem deixar de manifestar também uma grande frustração por não ter assegurado a paternidade da fotografia, Florence investiu na escrita de si e, com ela, na posteridade. Em sua autobiografia, via-se como “um amigo das artes abandonado à própria sorte” e deu a si próprio o epíteto de “inventor no exílio”. Passaria o resto da vida escrevendo cartas, compilando anotações e reunindo memórias para reafirmar publicamente a anterioridade das idéias, das palavras e das imagens associadas às suas invenções. Obsessão que acabou lhe rendendo a alcunha, um tanto sarcástica, de “inventor frustrado”<sup>39</sup> e a troça antropofágica do personagem Macunaíma, de Mário de Andrade<sup>40</sup>. Não se pode negar, no entanto, que foi justamente a persistência de Florence o que fez com que os registros documentais de suas experiências chegassem à posteridade, às mãos dos historiadores e às formas

contemporâneas de reconhecimento social dos inventores e seus inventos, através de artigos, livros, sítios virtuais e exposições<sup>41</sup>.

Mas a bem da verdade, algum reconhecimento já fora dado a Florence ainda em vida: o *Jornal do Commercio*, cinco dias depois da chegada do *Oriental* à cidade do Rio de Janeiro, trazendo a bordo um daguerreótipo, publicou uma matéria intitulada "A photographia na Bélgica e no Brazil"<sup>42</sup>. Considerando-se que a notícia de um daguerreótipo a bordo já devia correr pela cidade, pelo menos nos círculos mais familiarizados com as novidades que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, acredito que a publicação do artigo não tenha sido uma casualidade. A proximidade de Florence com os editores do *Jornal do Commercio* (Plancher, depois Villeneuve) certamente contribuiu para que o periódico colocasse em evidência a anterioridade de suas invenções (a poligrafia e a fotografia) no momento em que chegava ao Rio de Janeiro um invento que, desde o início de 1839, já era amplamente festejado pela imprensa francesa e internacional.

O artigo informava ao público da Corte, sem que a daguerreotipia tivesse sido apresentada aos brasileiros, que o alemão Albrecht Breyer (1812-1876), estudante de medicina na Bélgica, e Hercule Florence, residente no Brasil, já faziam experiências com a "photographia" muito antes de Daguerre revelar os segredos de sua invenção<sup>43</sup>.

Ao que acaba de ler-se acerca dos trabalhos de Breyer em Liège, devemos acrescentar o artigo seguinte que, debaixo do título de 'Descoberta da Polygraphia', se lê na *Phenix* de São Paulo de 26 de outubro, onde aparece assinado por Hercules Florence, genro do nobre deputado o senhor Álvares Machado. Comparem os leitores as datas e decidam se o mundo deve a descoberta da *photographia*, ou pelo menos da *polygraphia*, à Europa ou ao Brasil<sup>44</sup>.

Reproduzindo as informações publicadas por Florence na imprensa paulista, o *Jornal do Commercio* reconhecia a anterioridade de suas experiências e, ao mesmo tempo, o significado recém-atribuído a uma palavra que, àquela época, ainda era tão estranha para os brasileiros quanto hoje se tornou a "daguerreotipia" para quem não é familiarizado com a história dos processos fotográficos. Por outro lado, o editor do *Jornal do Commercio*, como bom sensacionalista, dava reconhecimento público e uma ressonância maior ao ressentimento de um "homem de invenções" que vivia no interior Brasil, provocando, justamente, o sentimento nacionalista dos leitores da capital, fígados assim em uma disputa simbólica muito mais ampla e duradoura. Além da chancela dos jornais, Florence ainda receberia em vida outras manifestações de reconhecimento e prestígio que lhe foram dirigidas por seu círculo de conhecidos mais próximos, na comunidade "campineira" onde vivia, assim como por figuras ilustres da sociedade imperial. Em 1870, ele agradecia ao então jovem advogado Manuel Ferraz de Campos Salles (1841-1913) e a seus amigos, pelo interesse por seus trabalhos: "São os primeiros campineiros que

41. Ver, especialmente, os endereços eletrônicos disponíveis na internet, assinando-se "Hercule Florence" ou sua versão abreviada ("Hercules Florence").

42. *Jornal do Commercio*, 29 de janeiro de 1839, p. 1.

43. *Ibidem*. A descrição do método de impressão criado por A. Breyer, sem o uso da câmara escura, fora enviada para a Academia de Ciências da Bélgica, a 14 de agosto de 1839, por seu amigo botânico Charles Morren (1807-1858), mas a leitura dos documentos só ocorreria a 5 de outubro do mesmo ano.

44. *Ibidem*.

45. Hercule Florence. "Notícia sobre os meus trabalhos científicos e artísticos, feita a convite do Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles". Apud Estevão Leão Bourroul (1900, p. 457-471). Neste documento, Florence assinala sua passagem por Santos, em 1831, cidade de onde foi enviada para a França a correspondência reproduzida neste artigo.

46. As referências completas da publicação são: Hercule Florence. "Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorff ao interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 38, n. 50, p. 355-469, 1875; v. 38, n. 51, p. 231-301, 1875; v. 39, n. 53, p. 157-182, 1876. Na Divisão de Manuscritos, da Fundação Biblioteca Nacional, também pode ser encontrada correspondência sobre o assunto.

47. Apud Sérgio Faraco (1998, p. 36). O texto de Taunay foi editado originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 92, p. 227-248, 1895. Ver reedição em Alfredo d'Escagnolle Taunay (1932, p. 17).

48. Cf. Estevão Leão Bourroul (1900).

49. Cf. Gilberto Ferrez (1953, p. 14-15). Outras referências sobre Florence no decorrer do século XX podem ser vistas em Boris Kossoy (2006, p. 135-142).

50. Boris Kossoy (2006).

51. *Ibidem*. Sobre a difusão das pesquisas de Boris Kossoy, ver também a apresentação de Etienne Samain (2001).

manifestam estas favoráveis disposições. Este fato tornaria injusta qualquer queixa de minha parte sobre o que tenho passado há quarenta anos nesta cidade"<sup>45</sup>.

Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843-1899), "homem de letras" que traduziu para o português o relato de Florence sobre a expedição Langsdorff, foi quem propôs, em 1875, a sua admissão como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, concretizada dois anos depois, com a publicação desse texto em alguns números da revista do Instituto, lançados entre 1875 e 1876<sup>46</sup>. Anos mais tarde, Florence apareceria em um outro artigo da revista do IHGB, desta vez escrito pelo próprio visconde de Taunay, que o incluiu em sua consagrada relação de "estrangeiros ilustres e prestimosos" do Brasil:

Desenhista, viajante e escritor, a ele se deve a única e interessante narrativa da malograda Expedição Langsdorff; homem de índole muito inventiva e observadora, nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1824, fundou respeitável família em Campinas (São Paulo), onde faleceu a 27 de março de 1879<sup>47</sup>.

Depois de falecido, a história de vida, as experiências e as frustrações de Florence foram narradas de uma forma às vezes um tanto confusa, mas amplamente documentada, por E. L. Bourroul, seu primeiro e devotado biógrafo em terras brasileiras<sup>48</sup>. Anos mais tarde, o historiador Gilberto Ferrez, ao escrever aquele que é considerado o texto inaugural de uma história da fotografia no Brasil, assim o definiu:

Dotado de espírito inventivo, muito estudou a fotografia. Infelizmente, no ambiente que ali encontrou, não logrou levar adiante os seus trabalhos quanto à arte. No período de 1839 a 1857, recorreu várias vezes às colunas dos jornais para revelar ao público suas descobertas, tais como a impressão do papel moeda inimitável, da poligrafia e a própria fotografia<sup>49</sup>.

Contudo, foi somente a partir da década de 1970, quando o fotógrafo e historiador Boris Kossoy começou a publicar os resultados de sua extensa pesquisa, reconstituição e comprovação das experiências de Florence, com base na documentação deixada pelo inventor, é que essa invenção em terras brasileiras conquistou de fato um espaço próprio na chamada "história da fotografia mundial", atraindo para o nome de Florence outras formas de reconhecimento social, no Brasil e no exterior, como um dos inventores de processos fotográficos (referências em dicionários, exposições, livros didáticos etc.). A terceira edição da obra de Kossoy<sup>50</sup>, cuidadosamente revista e ampliada, é o mais recente exemplo do interesse social pelo pioneirismo de Florence e, claro, pelo trabalho do próprio pesquisador. Sobre esse aspecto, aliás, Kossoy não deixa de comentar o ceticismo que ele próprio enfrentou, até que a repercussão de suas palestras e publicações no meio fotográfico internacional tirassem a invenção de Florence do terreno da incerteza e do exotismo<sup>51</sup>. A julgar pelas referências ao inventor em prestigiosas publicações internacionais (ver algumas referências, ao final deste artigo), ou ainda, pela inclusão de sua biografia entre os "pioneiros da fotografia" listados na

Wikipedia em língua inglesa (a enciclopédia livre da rede mundial de computadores), a invenção de um processo fotográfico em terras brasileiras parece estar finalmente consagrada, embora esse reconhecimento continue aprisionado pela idéia de que o suposto isolamento de Florence em seu “exílio” brasileiro tenha lhe custado uma longa espera até que ele ingressasse na história dos “homens de invenções” do século XIX<sup>52</sup>.

“Aos grandes homens, o reconhecimento da pátria”

Daguerre, imortalizado pela “descoberta” da daguerreotipia, o primeiro processo fotográfico mundialmente conhecido, poderia ser descrito como um “homem de invenções” bem diferente de Florence, mas por uma dessas curiosas ironias da história, a invenção que o tornou uma celebridade internacional ainda em vida, não o impediu de ser condenado a um certo tipo de esquecimento na posteridade. Muito antes da invenção da daguerreotipia, Daguerre já gozava de prestígio na sociedade parisiense, como pintor de panoramas, inventor do diorama e empresário desse novo tipo espetáculo, um ramo de negócios atraente e cada vez mais popular. Em 1825, foi condecorado pela Legião de Honra da França e, em 1832, introduzido na corte de Louis Philippe, típicas manifestações de prestígio que lhe trariam, naturalmente, outras formas de reconhecimento<sup>53</sup>. No entanto, como constatou o historiador Michel Frizot, em 1989, por ocasião das celebrações mundiais pelo sesquicentenário da invenção da fotografia, “Daguerre não se beneficia de qualquer um dos reconhecimentos *post-mortem* que caracterizam um benfeitor da humanidade: a perseverança de Niépce, a inteligência de Talbot, a discrição de Bayard”<sup>54</sup>.

Boa parte das comemorações em torno da invenção da fotografia (cinquentenário, centenário etc.) foram marcadas pela tentativa de determinar a paternidade (Niépce, Daguerre, Talbot, Bayard) ou o território (França versus Inglaterra) para a invenção da fotografia<sup>55</sup>. Na literatura fotográfica do século XIX, as biografias desses pioneiros mesclam-se à discussão dos dispositivos técnicos que teriam viabilizado o nascimento da idéia da fotografia e do desejo de concretizá-la<sup>56</sup>. Na primeira metade do século XX, reivindicava-se até mesmo a autoridade sobre essa história. George Potonniée, ao publicar na França obra essencial sobre o tema, lamentava que a descoberta da fotografia fosse descrita por autores estrangeiros “*em detrimento* [grifo meu] dos inventores franceses”, já que as fontes documentais do país continuavam inéditas. Fruto de nacionalismos exacerbados, a busca dessa paternidade não deixou de ter seu uso político. Na Alemanha nazista, houve quem reclamasse para o país a anterioridade dos experimentos químicos, realizados desde o século XVIII, que teriam possibilitado a invenção da fotografia<sup>57</sup>. Toda essa disputa, como já foi dito anteriormente,

52. “Unfortunately, partly because he never published the invention adequately, partly because he was an obscure inventor living in a remote and underdeveloped province, Hércules Florence was never recognized internationally as one of the inventors of photography”. ANÔNIMO. *Hércules Florence*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Hercules\\_Florence](http://en.wikipedia.org/wiki/Hercules_Florence)>.

53. Michel Frizot (1989, p. 32).

54. “Daguerre ne bénéficie d’aucune de ces reconnaissances *post-mortem* qui caractérisent un bienfaiteur de l’humanité: la persévérance de Niépce, l’intelligence de Talbot, la discrétion de Bayard.” Idem (1989, p. 27).

55. Cf. Liz Wells (1997, p. 13-17). Trata-se de uma historiografia que enfatiza os “mestres”, em detrimento das idéias e das práticas fotográficas socialmente estabelecidas.

56. Ver, p.ex., John Werge (1890).

57. Cf. Georges Potonniée (1925, p. 6); Liz Weels (1997, p. 14).

58. Ver François Brunet, (2000).

59. Ver André Rouillé (1989).

60. Ver Louis J. M. Daguerre (1844).

61. Ver, especialmente, Helmut Gernsheim (1968) e Beaumont Newhall (1976).

está hoje bastante desnudada pela historiografia contemporânea, a partir da análise dos contextos de produção e emissão de tais interpretações, bem como pela compreensão de que a fotografia, longe de ser o resultado de uma sucessão de descobertas isoladas, foi de fato uma invenção decorrente de múltiplas intervenções e interações<sup>58</sup>.

Logo depois de anunciada ao mundo, a daguerreotipia ensejou uma disputa que não se restringiu à anterioridade na “descoberta” de um processo fotográfico, estendendo-se também à prioridade no uso da palavra fotografia. Na Inglaterra, o cientista John Herschel (1792-1871), realizando experiências com o escurecimento dos sais de prata pela ação da luz, descobriu as propriedades do hiposulfito como fixador, divulgando-as sem restrições. Fato que acabou dando a Daguerre a idéia de empregá-las em seu próprio procedimento. Nesse ambiente de trocas e disputas, em meio à polêmica pela anterioridade das experiências de Talbot e Daguerre, a palavra “photography” foi usada publicamente por Herschel, ao tratar do assunto na Royal Society, em Londres, sendo rapidamente adotada pela comunidade científica e pela imprensa dos dois países. Em julho de 1839, o astrônomo François Arago (1786-1853), ao defender a concessão de uma recompensa do Estado francês para a “descoberta de Daguerre”, já usava em seu discurso a palavra fotografia, o mesmo ocorrendo em diversos jornais franceses<sup>59</sup>. Em 1844, era o próprio inventor da daguerreotipia quem publicava a descrição de um novo método de tratamento nas placas destinadas a “receber a imagem fotográfica”<sup>60</sup>.

Pela leitura dos textos “clássicos” da história da fotografia, constata-se que a palavra fotografia não ocorreu a Daguerre para batizar seu procedimento, nem foi por ele adotada logo que passou a conhecê-la<sup>61</sup>. Estes textos também enfatizam o simbolismo natural que o nome dado à invenção teria para Daguerre, embora não se detenham nas implicações sociais dessa denominação para o contexto mais amplo de legitimação e difusão mundial da paternidade de Daguerre sobre a invenção da fotografia. Na sociedade com Nicéphore Niépce, ele já havia proposto a substituição do nome heliografia por outro que melhor designasse as investigações e soluções compartilhadas por ambos. Em 1835 e 1837, quando renegociou o contrato de sociedade com Isidore Niépce, herdeiro de Nicéphore, impôs a condição de que a descoberta se inspirasse em seu próprio nome. A palavra daguerreotipia, portanto, não foi dada ao nome do procedimento por mero acaso; ela representava uma das principais preocupações de Daguerre, já evidenciada bem antes que sua existência se tornasse pública.

Famoso e prestigiado na sociedade parisiense como homem de espetáculos, Daguerre conhecia muito bem a importância das palavras e das imagens para o reconhecimento social de um “homem de invenções”, particularmente se ele pretendesse ser visto também como um “homem de

ciências” por seus contemporâneos. Seguindo os conselhos do próprio Isidore, Daguerre encomendaria um retrato, em 1837, ao afamado litógrafo P. L. Grevedon (1776-1860), para projetar essa imagem juntamente com a difusão de seu invento (Figuras 5 e 6)<sup>62</sup>.

Todas as discussões e alterações nos contratos firmados entre Daguerre e Niépce, e depois com seu filho, demonstram o quanto estavam sendo formalizadas na França, na primeira metade do século XIX, as invenções e seus processos de legitimação, comercialização e difusão, não sendo muito diferente a experiência de outros países europeus e ainda mais visível a da Inglaterra, berço da Revolução Industrial e do mais antigo sistema de proteção aos inventores. Por outro lado, esses contratos também evidenciam que, ao menos no presente caso, a propriedade simbólica sobre aquele invento foi objeto de

62. CARTA de Daguerre para Isidore Niépce, 20 de fevereiro de 1837, apud Michel Frizot et al. (1989, p. 32). Na época do aparecimento da fotografia, a imagem gravada ou litogravada era, como se sabe, o meio mais utilizado para multiplicar e difundir o retrato de uma pessoa.



Figura 5 – Pierre Louis Grevedon (1776-1860). *Daguerre (du Diorama)*. Paris, Imprimerie Lemercier, 1837. Litografia, 24,5 x 25,5 cm. In : SCHWILDEN, Tristan (org.). *Livres, documents relatifs à la photographie, photographies*. Bruxelles : Librairie Schwilden, [2007], p.1.

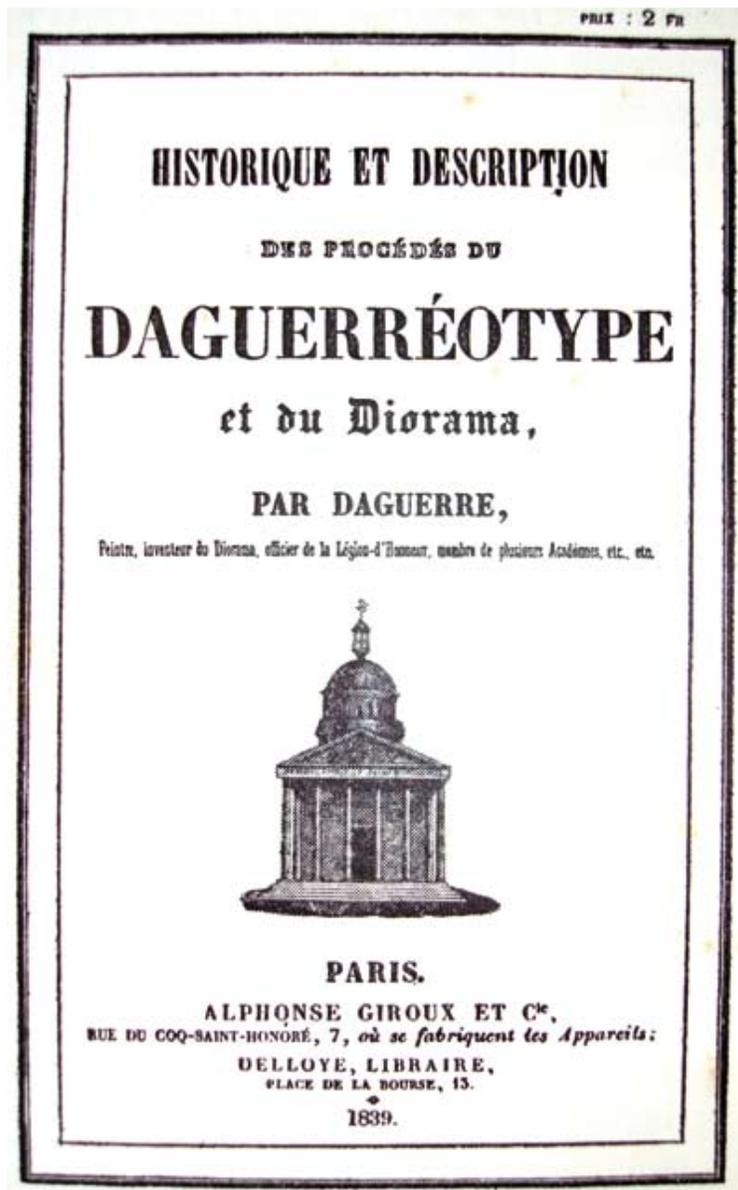


Figura 6 – Folha de rosto da primeira edição do manual de L. J. M. Daguerre (1787-1851) sobre a daguerreotípia. *Historique et description des procédés du daguerreotype et du diorama par Daguerre, peintre, inventeur du Diorama, officier de la Légion d'Honneur, membre de plusieurs Académies, etc, etc.* Paris : Alphonse Giraoux et Cie. Rue du Coq Saint Honoré, où se fabriquent les appareils ; Delloye, libraire, place de la Bourse, 13, 1839. Prix 2 fr. In: GERNSHEIM, Helmut; GERNSHEIM, Alison. *The history of photography*. London: Oxford University Press, 1955, p. 55.

negociações tão cuidadosas quanto suas cláusulas financeiras. As alterações contratuais propostas por Daguerre sugerem que a propriedade, a aplicação, a publicidade e a comercialização de um invento estavam interligadas a outras questões bastante subjetivas, como honra e imortalidade. A palavra daguerreotípia, que nem chegou a ser mencionada nos anais da Academia de Ciências da França quando a “descoberta de Daguerre” foi anunciada, em 7 de janeiro de 1839, a partir daí assumiria tamanha proporção que, dois anos mais tarde, ela já atraía para si boa parte da polêmica sobre a paternidade da fotografia.

Em 19 de agosto de 1839, os segredos da daguerreotípia foram finalmente revelados ao mundo, depois de assegurada a pensão vitalícia com a qual Daguerre e Isidore Niépce poderiam usufruir uma compensação financeira pela invenção de um processo que o sistema de patentes e privilégios não era capaz de garantir, dada a relativa facilidade de reprodução dos procedimentos para a sua execução, quando estes se tornassem conhecidos. A publicação escrita por Daguerre destinada a ensinar tais procedimentos intitulava-se *Historique et description des procédés du daguerréotype et du diorama* e trazia, como outras publicações do gênero no século XIX, breves e relevantes indicações biográficas sobre seu autor: “pintor”, “inventor do diorama”, “oficial da Legião de Honra”, “membro de diversas Academias” etc.<sup>63</sup> A primeira edição do manual de daguerreotípia, realizada sob a chancela do ministério do Interior francês também reproduzia as palavras do ministro Charles Marie Tanneguy, conde Duchatel (1803-1867), e dos cientistas François Arago e Gay-Lussac (1778-1850), com quem fora negociada toda a questão da aquisição pelo Estado dos segredos da daguerreotípia com o pagamento de uma pensão vitalícia aos inventores, iniciativa inédita na legislação francesa e, ao que se saiba, internacional<sup>64</sup>. O responsável por sua impressão era Alphonse Giroux, editor e comerciante de instrumentos estabelecido em Paris (7, rue du Coq-Saint-Honoré), com quem Daguerre e Isidore haviam se associado para fabricar e vender os aparelhos de daguerreotípia antes do anúncio dos segredos da invenção. Em setembro de 1839, uma segunda edição do manual, agora “corrigida e aumentada” com o “retrato do inventor” (a litogravura de Grevedon), já estava à venda nos “principais livreiros, fabricantes de aparelhos óticos e negociantes de papéis e estampas” de Paris.

Em 1841, contrariado com os termos e os resultados da sociedade com Daguerre, Isidore Niépce publicou um folheto, intitulado *Historique de la découverte improprement nommée daguerréotype*<sup>65</sup>, canalizando para a palavra daguerreotípia o que lhe parecia ser uma usurpação do trabalho de seu pai e, logicamente, da glória que lhe era devida. Niépce, falecido há quase uma década, entrava assim em uma disputa que contaminaria a imprensa, a opinião pública e toda a literatura fotográfica do século XIX. A polêmica só fez aumentar

63. Ver Louis J. M. Daguerre (1839). Em apenas dezoito meses, o manual de Daguerre alcançou trinta e nove edições e oito traduções, daí existirem versões ligeiramente diferentes, mesmo em língua francesa, com folhas de rosto datadas de 1839. O exemplar consultado parece ser a segunda tiragem e encontra-se na Bibliothèque Historique de la Ville de Paris (França). Ver a imagem da primeira edição na Figura 6.

64. Cf. Helmut Gernsheim (1968, p. 98).

65. Isidore Niépce (Paris: Astier, 1841)

66. Ver Margaret Calvarin & Marc Kereun (2001).

67. Cf. Beaumont Newhall (1976, p. 11).

68. Cf. Michel Frizot (1989, p. 27ss).

69. Cf. Helmut Gernsheim (1968, p. 87).

70. Ver, por exemplo, John Werge (1890).

a evidente ambigüidade dos franceses em relação à figura de Daguerre, homenageado em vida, como na posteridade, sem deixar de ser, simultaneamente, alvo de variadas formas de desprestígio, desde 1839 até ocasiões mais recentes. Essa ambigüidade, cheia de sutilezas, é complexa e duradoura. Concederam-lhe no passado algumas das mais prestigiosas honrarias nacionais, como a primeira pensão vitalícia dada a um inventor (chamada à época, sugestivamente, de "recompensa nacional"); os títulos de cavaleiro e oficial da Legião de Honra, este último em junho de 1839 (portanto antes da revelação dos segredos da daguerreotipia); uma rua em Paris foi batizada com seu nome, em 1867; um monumento em sua homenagem foi erguido em Corneilles-en-Parisis, sua cidade natal, em 1883. Na pequena Bry-sur-Marne, onde Daguerre adquiriu uma propriedade ainda em fins de 1839 e lá residiu até 1851, a memória do inventor foi e ainda é fortemente cultivada pela comunidade local. Enterrado no cemitério da cidade, seu túmulo foi transformado em mausoléu permanente (1852) e um monumento foi inaugurado em sua homenagem (1897), além de duas exposições (1976 e 2001) ali organizadas para lembrar a data de sua morte. Esta última, por sinal, a única exposição sobre Daguerre realizada na França no sesquicentenário de seu falecimento<sup>66</sup>.

Estudando o notável sucesso da daguerreotipia nos Estados Unidos, o historiador norte americano Beaumont Newhall constatou, em 1961, que "os americanos eram mais agradecidos a Daguerre do que os franceses"<sup>67</sup>. A desestima que Daguerre atraiu para si, considerado antipático por seus contemporâneos, e a conseqüente depreciação da figura do inventor no curso da história ainda podem ser observadas por outros indicadores<sup>68</sup>. Depois que o nome de Niépce foi eclipsado pelo anúncio da "descoberta de Daguerre", em janeiro de 1839, aqueles que conheciam os termos da sociedade que levava à invenção da daguerreotipia e sua aquisição pelo Estado francês viram, naquela omissão, um misto de injustiça e esperteza<sup>69</sup>. Nos meios científicos e na literatura fotográfica oitocentista, consolidou-se a visão de que Daguerre não conhecia nada de química e só teria "aperfeiçoado" as descobertas de Niépce, forçando a adoção de seu nome para uma invenção que não era só sua e assim receber a maior parte das recompensas financeiras e das glórias concedidas à invenção<sup>70</sup>.

Em 1925, ao publicar na França uma obra considerada então a mais completa "história da descoberta da fotografia", George Potonniée lembrava que "todo grande homem tem seus detratores e numerosas reclamações se elevavam contra Daguerre"<sup>71</sup>, mas ele próprio atribuía a este último apenas o mérito de ter "divulgado" a invenção de Niépce. Em um país com tanto apego ao simbolismo dos funerais, das biografias e das celebrações, a morte de Daguerre, em 1851, não foi particularmente reverenciada, como seriam exemplos tantos outros funerais emblemáticos que a França celebrou ao longo do século XIX. Por

essa mesma razão, a última biografia que os franceses escreveram sobre ele data de 1935 e aquela que lhe dedicou o pesquisador alemão Helmut Gernsheim, publicada nos Estados Unidos, em 1955, até hoje não conhece uma tradução francesa.

Na segunda metade do século XIX, o desuso e o esquecimento da daguerreotipia, depois de duas décadas de grande sucesso em todo o mundo, contribuíram para arrastar consigo a memória de Daguerre, perdurando por décadas o despreço por sua vida, suas idéias e suas experiências. A fragilidade intrínseca dos daguerreótipos e o conseqüente desaparecimento de muitas dessas imagens únicas, também ajudam a explicar o fenômeno. Em 1939, a maior coleção de daguerreótipos da França foi vendida e levada para o Estados Unidos, sem qualquer oposição. Cinquenta anos mais tarde, a exposição e o catálogo *Paris et le daguerreotype* (Musée Carnavalet, 1989) colocaram em evidência a riqueza de todo esse patrimônio e de sua história, apresentando o acervo reunido por diferentes instituições francesas e internacionais<sup>72</sup>. A intenção de reverter o desinteresse duradouro e indesejável pela daguerreotipia em seu próprio país de origem também foi comentada recentemente na mais completa exposição sobre o tema já realizada na França (Musée d'Orsay, 2003). Outras iniciativas e publicações, além do magnífico catálogo dessa exposição, assinalam que o quadro descrito acima vem se modificando<sup>73</sup>.

Mas é também na França, onde Daguerre ainda espera por uma nova biografia, que Florence tornou-se há pouco o tema de uma obra biográfica, assumidamente romanceada, escrita por William Luret. Apoiado por pesquisa bibliográfica e documental, que inclui fontes sobre o inventor localizadas em arquivos franceses, Luret inicia sua alentada biografia, a exemplo de outros escritores que se dedicam a esse gênero literário, assinalando como principal motivação para produzi-la o desejo de retirar a figura de Florence da "gruta obscura" na qual teria se metido, ou seja, o Brasil<sup>74</sup>. A idéia de que o inventor foi vítima de seu "exílio" nos trópicos parece mais duradoura do que a constatação de todos os esforços de Florence (e muitos de seus contemporâneos) para dar a conhecer e tentar legitimar, no Brasil e no exterior, as invenções que realizava em terras brasileiras. Como outros "homens de invenções" do século XIX, Florence procurou vencer o difícil paradoxo de assegurar os segredos de suas invenções e, ao mesmo tempo, ganhar a compensação financeira e o reconhecimento social por todo o investimento intelectual e material que essas criações demandavam. Como outros "homens de invenções" de sua época, confrontou-se com o difícil aprendizado e a institucionalização, ainda principiante, das estratégias de comunicação, comercialização e incorporação dos inventos à vida social. A aquisição da daguerreotipia pelo Estado francês e sua difusão mundial sem a cobrança de uma patente, iniciativas que tornaram a imagem

71. No original: "tout grand homme a ses détracteurs; de nombreuses réclamações s'élevèrent contre Daguerre". Cf. Georges Potonniée (1925, p. 6; 198).

72. Ver Françoise Reynaud et al. (1989).

73. Ver Quentin Bajac & Dominique Planchon-de-Font-Réaulx, (2003). Ver, também, os artigos de André Gunthert (1998), Eric Michaud (1997) e Jacques Rouencourt (1998), na revista *Études Photographiques*, editada pela Société Française de Photographie.

74. "Hercule Florence m'a entraîné durant deux ans dans ses visions extraordinaires et lointaines. Il était gauche, naïf et solitaire. Mais son désespoir poignant m'a touché. Un génie incompris aux ailes démesurées. Un génie maudit, poète des illusions, bâillonné au fond d'une grotte obscure, le Brésil. J'ai voulu l'exposer au plein soleil." Cf. William Luret (2001, p. 11).

75. Gilberto Velho (2008)

76. Idem, p. 29.

77. Apud Helmut Gernsheim & Alison Gernsheim (1955, p. 55).

78. Ver Didier Jacob (2008).

fotográfica uma invenção rapidamente colocada “ao alcance de todos”, fazem parte desse processo. A popularidade e o ostracismo de Daguerre também...

Refletindo sobre como as experiências individuais podem ser compartilhadas e quais os limites para a manipulação de símbolos em sociedades complexas, considerando-se a divisão social do trabalho, a distribuição de riquezas e a heterogeneidade cultural dessas sociedades, Velho<sup>75</sup> (2008) assinala que os projetos de um indivíduo não são fenômenos puramente internos, subjetivos. Eles são formulados e comunicados dentro de um “campo de possibilidades”, como fenômenos elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, códigos, vivências e interações interpretativas:

Há, sem dúvida, uma relação entre projeto e fantasias que não pretendo explorar aqui, mas o projeto para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa ao outro, é potencialmente público. Sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem de ‘fazer sentido’, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado [...] Outra idéia importante é a de que os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem-se transformar. O ‘mundo’ dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas<sup>76</sup>.

Finalmente, para concluir estas notas sobre Florence e Daguerre, convido o leitor a observar um detalhe bastante sugestivo na publicação escrita por este último, cuja folha de rosto foi aqui reproduzida. Em *Historique et description des procédés du daguerréotype et du diorama* há uma pequena estampa com a fachada do Pantheon, construção transformada em “mausoléu da pátria” pela Revolução Francesa para perpetuar na memória nacional os seus “vultos históricos” e que tem, em seu frontispício, a inscrição “aos grandes homens, o reconhecimento da pátria”. Lembrando-se dos primórdios da fotografia, o alemão Ludwig Pfau comentava, em 1877, que “o editor não poderia ter escolhido um caminho mais óbvio para sugerir a imortalidade do inventor”<sup>77</sup>. A imagem do monumento naquela publicação representava, já em 1839, um prenúncio do lugar que parecia reservado ao criador da daguerreotipia na história da França. Recentemente, a revista *Le Nouvel Observateur* publicou um amplo artigo sobre o aniversário desse imenso edifício, no coração de Paris, onde se “festejam os mortos 365 dias por ano”<sup>78</sup>. Além de desvendar o interior do monumento e a história de sua construção, a matéria também promoveu uma bem-humorada enquete sobre quem os franceses gostariam de ver “panthéonizados”, neologismo que não deixa dúvidas sobre a recorrência do tema no imaginário social. A leitura do *Nouvel Observateur*, por uma daquelas inexplicáveis ocorrências do destino, coincidiu com a escrita deste artigo. Não poderia ter sido mais oportuna...

## REFERÊNCIAS

- BAJAC, Quentin; PLANCHON-DE-FONT-RÉAULX, Dominique (Org.). *Le daguerréotype français: um objet photographique*. Paris: Musée d'Orsay, 2003.
- BISBEE, A. *A history and practice of daguerreotyping*. Dalton: L. F. Claflin, 1853. Facsimile edition by Peter C. Bunnell and Robert Sobieszek. New York: Arno Press, 1973.
- BOURROUL, Estevão Leão. *Hercules Florence: ensaio histórico-literário*. São Paulo: Typ. Andrade Mello, 1900.
- BRUNET, François. *La naissance de l'idée de photographie*. Paris : Presses Universitaires de France, 2000.
- BONHOMME, Pierre et al. *Les multiples inventions de la photographie*. Paris: Mission du Patrimoine Photographique, 1989.
- CALVARIN, Margaret; KEREUN, Marc. *Louis Daguerre, le magicien de l'image: 1851-2001*. 150e. anniversaire de la mort de Louis Daguerre. Bry-sur-Marne: Marie de Bry-sur-Marne, 2001.
- CHRISTOPHE, Charle. *Le siècle de la presse (1830-1939)*. Paris: Seuil, 2004.
- DALLOZ, Victor et al. *Répertoire méthodique et alphabétique de législation, de doctrine et de jurisprudence en matière de droit civil, commercial, criminel, administratif, de droit des gens et de droit public*. Paris: Bureau de la Jurisprudence générale du royaume, 1847.
- DAGUERRE, Louis Jacques Mandé. *Historique et description des procédés du daguerreotype et du diorama par Daguerre, peintre, inventeur du Diorama, officier de la Légion d'Honneur, membre de plusieurs Académies, etc., etc.* Paris: Susse frères, éditeurs, place de la Bourse, 31 ; Delloye, libraire, place de la Bourse, 13, 1839.
- \_\_\_\_\_. *Nouveau moyen de préparer la couche sensible des plaques destinées à recevoir l'image photographique*. Paris, 1844.
- FARACO, Sérgio (adap., org. e notas). *Amor ao Brasil; catálogo de estrangeiros ilustres e prestimosos 1800-1892*. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra; introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Melhoramentos; Edusp; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.
- FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1953.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. "Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais". In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. Passos. *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p. 235-246.
- FRANCE. Ministère des Affaires étrangères. *Carta de H. Florence a E Pontois, encarregado de negócios da França no Brasil, encaminhando petição ao ministério do Interior francês e memória sobre a invenção da poligrafia*. Centre des Archives Diplomatiques de Nantes. Archives Rapatriées - Rio de Janeiro, légation, série A - Article 188 - Dossiê nominatif Hercule Florence.
- Annals of Museu Paulista. v. 16. n.2. July - Dec. 2008.

PHILIPON, Charles. "L'homme aux inventions". *Le Musée pour Rire: dessin pour tous les caricaturistes de Paris*. Paris, 1839, n° 44.

FRIZOT, Michel et al. *1839: la photographie révélée*. Paris: Centre National de la Photographie; Archives Nationales, 1989.

GERNSHEIM, Helmut; GERNSHEIM, Alison. *The history of photography*. London: Oxford University Press, 1955.

GERNSHEIM, Helmut. *L. J. M. Daguerre, the history of the diorama and the daguerreotype*. 2 rev. ed. New York: Dover, 1968.

GUNTHER, André. Daguerre ou la proptitude; archéologie de la réduction du temps de pose. *Études Photographiques*, n. 5, p. 4-25, nov. 1998.

HARDMAN, Francisco Foot; KURY, Lorelay. Nos confins da civilização: *Algumas histórias brasileiras de Hercule Florence*. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, v. 11, n. 2, p. 385-409, maio-ago. 2004.

HILAIRE-PÉREZ, Liliane; GARÇON, Anne Françoise (org.). *Les chemins de la nouveauté: inventer au regard de l'histoire*. Paris: Editions du CTHS, 2003.

JACOB, Didier. Le Panthéon, sa vie, son oeuvre. *Le Nouvel Observateur*, Paris, p. 104-109, 29 mai-4 juin 2008.

KOSSOY, Boris. *Hercules Florence. 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

\_\_\_\_\_. *Hercule Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2006.

LANDAIS, Napoléon. *Dictionnaire général et grammatical des dictionnaires français*. Paris : Bureau Central, 1834. 2 vol.

LE GOFF, Jacques. História. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Memória - História. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

LURET, William. *Les trois vies d'Hercule Florence*. Paris: Jean Claude Lattès, 2001.

MICHAUD, Eric. Daguerre, um Prométhée chrétien. *Études Photographiques*, n. 2, p. 45-59, mai 1997.

MONTEIRO, Rosana Hório. *Descobertas múltiplas: a fotografia no Brasil (1824-1833)*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

NEWHALL, Beaumont. *The daguerreotype in America*. 3. ed. New York: Dover, 1976.

POTONNIÉE, Georges. *Histoire de la découverte de la photographie*. Paris: Paul Montel, 1925.

RAYMOND, François. *Dictionnaire général de la langue française et vocabulaire universel*. Paris: A. Andre, 1832. 2 vol.

REYNAUD, Françoise et al. *Paris et le daguerreotype*. Paris: Paris-Musée, 1989.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação das mulheres no século XIX: o colégio de Carolina e Hércules Florence de Campinas (1863-1889)*. *Histedbr on-line*, v. 1, p. 1-25, 2007. Acessível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>>.

ROQUENCOURT, Jacques. Daguerre et l'optique. *Études Photographiques*, n. 5, p. 26-49, nov. 1998.

ROUILLÉ, André. *La photographie en France: textes e controverses; une anthologie 1816-1871*. Paris: Macula, 1989.

SAMAIN, Etienne. Numa época de curiosidade exasperada. In: MONTEIRO, Rosana Hório. *Descobertas múltiplas: a fotografia no Brasil (1824-1833)*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001. p. 9-13.

SCHWILDEN, Tristan (Org.). *Livres, documents relatifs à la photographie, photographies*. Bruxelles: Librairie Schwilden, 2007.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno (visconde de Taunay). *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escritos*. São Paulo : Melhoramentos, 1932.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte; Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. Literatura fotográfica e estudos biográficos: algumas reflexões em torno da obra do fotógrafo Marc Ferrez. *Boletim do Centro de Pesquisa de Arte e Fotografia da ECA / USP*, n. 2, p. 57-63, 2007.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

WELLS, Liz (Ed.). *Photography: a critical introduction*. London: Routledge, 1997.

WERGE, John. *The evolution of photography: with a chronological record of discoveries, inventions, etc., contributions to photographic literature, and personal reminiscences extending over forty years*. London: Piper & Carter; John Werge, 1890.

#### SITES

<[http://en.wikipedia.org/wiki/Hercules\\_Florence](http://en.wikipedia.org/wiki/Hercules_Florence)>.

<[http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Philipon](http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Philipon)>.

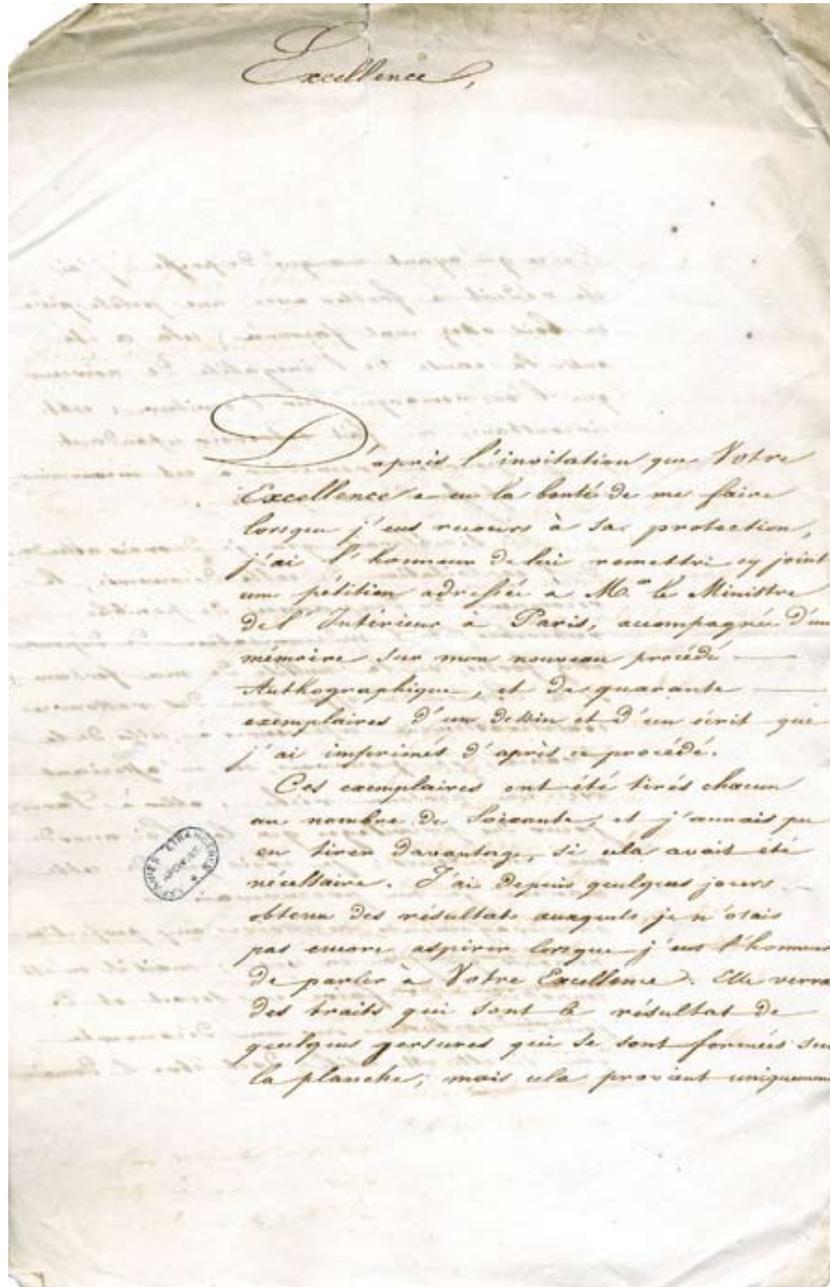
<[http://fr.wikisource.org/wiki/Chronique\\_de\\_la\\_quinzaine,\\_1839](http://fr.wikisource.org/wiki/Chronique_de_la_quinzaine,_1839)>.

<<http://www.france.diplomatie.gouv.fr/archives/>>.

<<http://www.niepce.com/pages/inv1.html>>.

Artigo apresentado em 9/2008. Aprovado em 10/2008.

Apêndice 1



Figuras 7 a 10 – Carta (4 páginas) de Hercule Florence a Edouard Pontois, encarregado de negócios da França no Brasil, encaminhando petição ao ministério do Interior francês e memória sobre a invenção da poligrafia. Manuscrito, 2 de dezembro de 1831. Ministère des Affaires Étrangères. Centre des Archives Diplomatiques de Nantes. Archives Rapatriées – Rio de Janeiro, légation, série A – Article 188 – Dossiê nominatif Hercule Florence. Paris.

De ce qu'ayant manqué de presse, j'ai  
été réduit à froter avec une petite piece  
en bois, assez mal façonnée; cela a été  
aussi la cause de l'inégalité de noirceur  
que l'on remarque sur l'écriture: cette  
circonstance me fait entrevoir cependant,  
que je pourrais remédier à cet inconvénient,  
et me passer d'une presse.

Il semblerait que je devrais attendre  
de l'exploitation de cette découverte, la  
récompense de deux années de pénibles  
recherches, et l'indemnisation de dépenses  
assez fortes, vu la nullité de ma fortune;  
si le Brésil ne offre que des ressources  
considérablement inférieures à celles de la  
France, je pourrais, en m'affiliant  
avec une personne riche, aller à Paris  
jouir des privilèges que la Loi accorde  
aux inventeurs; je crois que de cette  
manière je me procurerais les  
encouragements nécessaires aux perfection-  
nements que j'ai en vue; mais il m'est  
impossible de faire un secret et de  
jouir d'exclusives sur une découverte  
qui, si elle est utile, doit être le domaine

De la Société, privé de talents spéculatifs, tout  
ce que je pourrais entreprendre de ce genre,  
ne servirait qu'à me plonger dans la  
langueur : avec de tels principes, loin  
d'entrevoir un fortune, je redouble des  
peines, et un avancement tardif de ma  
découverte, si je n'ai autre chose que mes  
retourus. Voilà pourquoi j'ai recouru à  
la Protection du Gouvernement Français.  
Je serai cependant contraint de me  
servir de mon procédé afin de pourvoir à  
ma subsistance jusqu'à ce que le Gouverne-  
ment ait daigné manifester ses intentions,  
mais le profit n'en sera que précaire,  
vu que la simplicité de son appareil  
et du travail qu'il exige, le mettront  
bien vite entre les mains de tout le monde,  
même dans le cas que je m'en réserverais le  
Secret : ce secours ne sera donc que très  
momentané, et cependant il m'aura  
formé pour toujours tout moyen de  
subsistance que je pourrais attendre de  
ma découverte, autre que celui que le  
Gouvernement voudra bien m'accorder.  
Un voyage à Paris me mettra à même  
de lui donner toute l'impulsion que je  
9

Letter to the Honorable  
En priant votre Excellence de  
vouloir bien me recommander à M.  
le Ministre de l'Intérieur, et dans  
le cas où Elle voudra m'honorer de  
sa réponse, de l'adresser à St Paul,  
j'ai l'honneur d'être avec le plus  
profond respect,  
De Votre Excellence,  
Lombard, le 2 Décembre, 1831.  
Le très humble très  
obéissant serviteur,  
Hercule Florence

1. FRANCE. Ministère des Affaires Étrangères. Centre des Archives Diplomatiques de Nantes. Archives Rapa-triées – Rio de Janeiro, légation, série A – Article 188 – Dossîe nominatif Hercule Florence. Carta de H. Florence a E Pontois, encarregado de negócios da França no Brasil, encaminhando petição ao ministério do Interior francês e memória sobre a invenção da poligrafia. Digitação / transcrição : Márcia Trigueiro. Revisão / tradução : Maria Inez Turazzi.

## TRANSCRIÇÃO<sup>1</sup>

Excellence,

D'après l'invitation que Votre Excellence a eu la bonté de me faire lorsque j'eus recours à sa protection, j'ai l'honneur de lui remettre ci joint une pétition adressé à M. le Ministre de l'Intérieur à Paris, accompagnée d'un mémoire sur mon nouveau procédé – Authographique, et de quarante exemplaires d'un dessin et d'un écrit que j'ai imprimés d'après ce procédé.

Ces exemplaires ont été tirés chacun au nombre de soixante, et j'aurais pu en tirer davantage, si cela avait été nécessaire. J'ai depuis quelques jours obtenu des résultats auxquels je n'osais pas encore aspirer lorsque j'eus l'honneur de parler à Votre Excellence. Elle verra des traits qui sont le résultat de quelques gersures [sic : gerçures] qui se sont formées sur la planche, mais cela provient uniquement de ce qu'ayant manqué de presse, j'ai été réduit à frotter avec une petite pièce en bois, assez mal façonnée; cela a été aussi la cause de l'inégalité de noirceur que l'on remarque sur l'écriture: cette circonstance me fait entrevoir cependant, que je pourrai remédier à cet inconvénient, et me passer d'une presse.

Il semblerait que je devrais attendre de l'exploitation de cette découverte, la récompense de deux années de pénibles recherches, et l'indemnisation de dépenses assez fortes, vu la nullité de ma fortune; si le Brésil n'offre que des ressources considérablement inférieures à celles de la France je pourrais, en m'associant avec une personne riche, aller à Paris jouir des privilèges que la Loi accorde aux inventeurs; je crois que de cette manière je me procurerais les encouragements nécessaires aux perfectionnements que j'ai en vue; mais il m'est impossible de faire un secret et de jouir d'exclusives sur une découverte qui, si elle est utile, doit être le domaine de la société; privé de talents spéculatifs, tout ce que je pourrais entreprendre de ce genre, ne servirait qu'à me plonger dans la langueur ; avec de tels principes, loin d'entrevoir une fortune, je redoute des peines, et un avancement tardif de ma découverte, si je n'ai autre chose que mes ressources. Voilà pourquoi j'ai recours à la Protection du Gouvernement Français.

Je serai cependant contraint de me servir de mon procédé afin de pourvoir à ma subsistance jusqu'à ce que le Gouvernement ait daigné manifester ses intentions ; mais le profit n'en sera que précaire, vu que la simplicité de son appareil et du travail qu'il exige, le mettront bien vite entre les mains de tout le monde, même dans le cas que je m'en réserverais le secret: ce secours ne sera donc que très momentané, et cependant il m'aura fermé pour toujours tout moyen de subsistance que je pourrais attendre de ma découverte, autre que ceux que le

Gouvernement voudra bien m'accorder. Un voyage à Paris me mettra à même de donner toute l'impulsion que je desire à cette art.

En priant Votre Excellence de vouloir bien me recommander à M. le Ministre de l'Intérieur, et dans le cas où Elle veuille m'honorer de sa réponse, de l'adresser à St. Paul, j'ai l'honneur d'être avec le plus profond respect,

De Votre Excellence,  
Santos, le 2 Décembre, 1831.  
Le très humble très obeissant serviteur.  
[a] Hercule Florence

## TRADUÇÃO

Excelência,

Com base no convite que Vossa Excelência teve a bondade de me fazer assim que eu recorri à sua proteção, tenho a honra de lhe remeter em anexo uma petição endereçada ao Sr. Ministro do Interior em Paris, acompanhada de uma memória sobre meu novo procedimento Autográfico, e de quarenta exemplares de um desenho e de um escrito que eu imprimi a partir desse procedimento.

Esses exemplares foram tirados cada um em número de sessenta, e eu poderia tirar ainda mais, se isso fosse necessário. Há alguns dias eu obtive resultados que não ousava sequer aspirar quando tive a honra de falar com Vossa Excelência. Vereis riscos que são resultado de algumas fissuras que se formaram sobre a prancha, mas isso provém unicamente do fato de que na ausência de uma prensa, eu fui levado a imprimir com uma pequena peça de madeira, muito mal talhada; isso foi também a causa da desigualdade da negrura que se constata sobre a escrita: esta circunstância me faz entrever, contudo, que eu poderei remediar esse inconveniente e adotar uma prensa.

Afigura-se que da exploração dessa descoberta eu deveria esperar a recompensa de dois anos de penosas pesquisas e a indenização de despesas muito altas, dada a nulidade da minha fortuna; como o Brasil só oferece recursos consideravelmente inferiores àqueles da França, eu poderia, associando-me a uma pessoa rica, ir a Paris gozar dos privilégios que a lei concede aos inventores; creio que dessa maneira eu obteria os encorajamentos necessários ao aperfeiçoamento que tenho em vista; mas me é impossível manter um segredo e gozar da exclusividade sobre uma descoberta que, sendo útil, deve ser do domínio da sociedade; privado de talentos especulativos, tudo que eu poderia empreender nesse sentido só serviria para me afundar no desgosto; com tais

princípios, longe de entrever uma fortuna, eu temo pelas aflições, e uma antecipação tardia da minha descoberta, se eu não tiver outra alternativa que os meus recursos. Eis porque eu recorri à Proteção do Governo Francês.

Eu serei, contudo, obrigado a me utilizar de meu procedimento a fim de prover a minha subsistência até que o Governo tenha se dignado a manifestar suas intenções; mas esse ganho não será mais que precário, visto que a simplicidade de seu aparelho e do trabalho que ele exige o colocarão rapidamente nas mãos de todo mundo, mesmo no caso de eu conservar o segredo: esse auxílio será bastante momentâneo, e no entanto ele me terá fechado para sempre todo meio de subsistência que eu possa esperar da minha descoberta, além desse que o Governo venha a me conceder. Uma viagem a Paris me permitiria dar toda a impulsão que eu desejo a essa arte.

Solicitando a Vossa Excelência que me recomende ao Sr. Ministro do Interior, e no caso dele me honrar com sua resposta, que ela seja endereçada a São Paulo, tenho a honra de expressar com o mais profundo respeito,

De Vossa Excelência,  
Santos, 2 de dezembro de 1831.  
O mais humilde e obediente servidor  
[a] Hercule Florence



2. FRANCE. Ministère des Affaires Étrangères. Centre des Archives Diplomatiques de Nantes. Archives Rapa-triées - Rio de Janeiro, légation, série A - Article 188 - Dossiê nominatif Hercule Florence. Despacho de E. Pontois, encarregado de negócios da França no Brasil, para o conde Sebastiani de la Porta (1772-1851), ministro de Assuntos Exteriores da França, encaminhando petição e memória de H. Florence sobre a poligrafia. Digitação / transcrição : Márcia Trigueiro. Revisão / tradução: Maria Inez Turazzi.

## TRANSCRIÇÃO<sup>2</sup>

«S. E. M. le Ministre Sebastiani  
Bureau de la Chancellerie  
Rio de J<sup>o</sup>, 24 décembre 1831  
Français établi au Brésil

M. le Ministre,

J'ai l'honneur d'adresser ci joint à V. E. une lettre de M. H. Florence pour M. le Ministre de l'Intérieur, ainsi qu'un mémoire relatif à un nouveau procédé Authographique dont il est inventeur, et 40 Exemplaires d'un écrit et d'un dessin imprimés d'après ce procédé.

Je prie V. E. de vouloir bien faire parvenir ces différents pièces à M. le Ministre de l'Intérieur ... une recommandation à sa bienveillance [riscado no original : afin qu'il puisse déterminer .....décider s'il y a bien à accorder quelque encouragement à] l'auteur de cette découverte qui parait digne de fixer l'attention du Gouvernement, et de me faire connaître, aussitôt que possible, la réponse qui aura été faite à la demande de M. Florence.

J'ai l'honneur etc. »

## TRADUÇÃO

S.E. o Sr. Ministro Sebastiani  
Escritório da Chancelaria  
Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1831  
Francês estabelecido no Brasil

Sr. Ministro,

Tenho a honra de endereçar a V. E., em anexo, uma carta do Sr. H. Florence para o Sr. Ministro do Interior, assim como uma memória relativa a um novo procedimento Autográfico do qual ele é inventor, e 40 exemplares de um escrito e de um desenho impressos por esse procedimento.

Solicito a V. E. que encaminhe essas diferentes peças ao Sr. Ministro do Interior [com] uma recomendação à sua benevolência [riscado no original: a fim de que ele possa determinar ... decidir se lhe é possível conceder qualquer encorajamento à] o autor dessa descoberta que parece digna de receber a atenção do Governo, e de me dar a conhecer, assim que possível, a resposta que será dada à solicitação do Sr. Florence.

Tenho a honra etc.